



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ICS)  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA (DAN)

## A FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ : O RETRATO DA DEVOÇÃO POPULAR DO PARÁ



Mercedes Maria Silva Castro

Brasília-DF  
2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ICS)  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA (DAN)

A FESTA DO CÍRIO DE NAZARÉ :  
O RETRATO DA DEVOÇÃO POPULAR DO PARÁ

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Mercedes Maria Silva Castro

Banca Examinadora:

Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (DAN/UnB) –

Orientador Silvia Maria Ferreira Guimarães (DAN/UnB)

Brasília-DF

2018

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter permitido que eu chegasse até o final dessa empreitada; e, a minha mãe, que sempre lutou para meu crescimento em todas as dimensões da vida humana.

Não posso deixar de agradecer em especial a meu orientador Prof. Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos, por ter tido a paciência de orientar-me nessa pesquisa e pela atenção dada nos momentos da escrita.

Muitas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço nominalmente a alguns, pois seria difícil mencionar todos aqueles que estiveram ao meu lado. Agradeço pelo apoio de todos os meus familiares, dos colegas que compartilharam comigo momentos de leituras de textos e de discussões: Zane, Isis, Valéria Paye, Ângela Gregório, Marina.

Aos meus ex-diretores de escolas em que trabalhei no decorrer da pesquisa de campo em outubro de 2017, Heli Mendes e Cleber Matos, que foram compreensivos por eventuais ausências.

Ao Pablo Raphael do Nascimento, que me ajudou na digitalização e leitura de minha escrita, a Lucinéia, que doou um dia de seus momentos para fazer a correção gramatical, ao Edvan, que cedeu seu computador para que eu pudesse realizar a digitação da monografia.

A todos que tiverem torcendo e vibrando boas energias, meu eterno agradecimento.

## **RESUMO**

Este trabalho aborda como o Círio de Nazaré, evento que ocorre anualmente, no segundo domingo de outubro na cidade de Belém do Pará, vem sofrendo transformações ao longo dos anos, em razão de uma série de fenômenos sociais e religiosos que retratam a identidade regional amazônica, identidade esta cercada de diversas práticas sacras como forma de cultivar a fé. O escrito apresenta conjuntos de símbolos significativos, onde os romeiros se comunicam e interagem entre si e canalizam-se com o poder divino em busca de milagres ou de pagamento de promessas, traduzindo uma forte relação direta com o sagrado. Fato que vem contribuindo, cada vez mais, para aumentar a devoção dos fiéis por Nossa Senhora de Nazaré, por intermédios de vários eventos sob a responsabilidade da Igreja Católica e com a ocorrência paralela de outras homenagens feitas por grupos que compõem a sociedade civil, porém, que não se enquadram no rol de pertencimento da Igreja Católica. O culto a Nossa Senhora de Nazaré é uma festa que é um forte exemplo de fenômeno religioso que perdura ao longo dos anos.

**Palavras-chave: Círio de Nazaré, símbolo, ritual, romarias**

## **ABSTRACT**

This work deals with the Círio de Nazaré, an event occurring annually, in the second Sunday in October in the city of Belém do Pará, has been undergoing over the years, due to a series of social and religious phenomena that portray the identity, this identity is surrounded by several sacred practices such as way of cultivating faith. The writing presents significant sets of symbols, where the pilgrims communicate and interact with each other and channel themselves with divine power in search of miracles or the payment of promises, translating, a strong direct relationship with the sacred. This fact has been contributing, more and more, to increasing the devotion of the Our Lady of Nazareth, through the intermediary of various events under the responsibility of the Catholic Church and with the parallel occurrence of other tributes made by groups that civil society however, which do not fall within the Catholic church. The cult of Our Lady of Nazareth is a festival that is a strong example of religious phenomenon that has persisted over the years.

Password: Círio de Nazare's, symbol, ritual, pilgrimages

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

Por que Pesquisar o Círio de Nazaré? .....	10
Procedimentos teórico - metodológicos .....	11

### CAPÍTULO I

1 A Chegada em Belém e a Saída de Campo .....	14
2 A Procissão, Momento de Escuta .....	17
3 A História do Círio de Nazaré: Plácido e o achado da Santa.....	27

### CAPÍTULO II

1 As Romarias.....	37
2 Os Símbolos da Festa do Círio de Nazaré .....	45
3 Tradições do Círio: almoço e os brinquedos de miriti .....	52

### CAPÍTULO III

1 Rituais do Círio e seu Carácter Comunicativo .....	55
2 Relação entre o Sagrado e o Profano .....	64
3 Festas Populares.....	65

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	67
----------------------------	----

BILIOGRAFIA .....	71
-------------------	----

## SUMÁRIO DE IMAGENS

Figura 1: Sr. Antônio pagando a promessa comprou a casa própria. ....	17
Figura 2: Pagando promessa por ter conseguido o carro .....	18
Figura 3: Esperando a procissão .....	19
Figura 4: Movida pela justiça .....	24
Figura 5: Prédio enfeitado saudando a Virgem. ....	25
Figura 6: Casa de Plácido .....	26
Figura 7: Trajeto do Círio de Nazaré .....	27
Figura 8: Romaria Rodoviária .....	40
Figura 9: Romaria Fluvial .....	41
Figura 10: Descida da Glória .....	42
Figura 11: Trasladação do Círio .....	42
Figura 12: Procissão do Círio de Nazaré .....	43
Figura 13: Ciclo Romaria .....	43
Figura 14: Romaria da Juventude .....	44
Figura 15: Romaria das Crianças .....	44
Figura 16: Recírio .....	46
Figura 17. A Corda no Círio de Nazaré .....	48
Figura 18: Ex-votos .....	51
Figura 19: Almoço do Círio de Nazaré .....	54
Figura 20: Brinquedos de Miriti .....	55
Figura 21: Auto do Círio .....	64
Figura 22: Arraial da Pavulagem. ....	65
Figura 23: Figurino Drag Queen da Virgem de Nazaré na Festa da Chiquita .....	67
Figura 24: Arraial de Nazaré .....	68

## INTRODUÇÃO

O meu interesse pela festa do Círio de Nazaré, Belém do Pará, aflorou quando entrei no curso de ciências sociais, habilitação em Antropologia da UnB, sobremaneira, pelo contato com as disciplinas que tratam sobre rituais, símbolos e festas. Entre outras razões, me interessei pelas abordagens tecidas pelo professor Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos, que ministrou Métodos e Técnicas em Antropologia Social, Sociedades Camponesas e Seminário de Pesquisa Antropológica. O que muito me impressionava era a riqueza etnográfica abordada nos textos, havia uma grande sintonia entre os relatos, os teóricos e o pesquisador. Em vários momentos, fugia mentalmente das aulas e, na medida em que, os textos eram explanados, eu me conduzia aos lugares onde os eventos eram descritos.

O que mais me chama a atenção é como o trabalho do antropólogo (a) requer rigor, respeito à diversidade, à cultura do outro, sem causar interferências. O olhar do etnógrafo (a) deve buscar o porquê do que se vê e do que se ouve. Como diz o meu orientador, que muito inspira-me como antropólogo, Carlos Alexandre Plínio dos Santos, *no campo e na escrita, é estranhar tudo*. Entendi perfeitamente essa colocação, tudo que é visto, ouvido, deve ser respeitado e analisado.

Segundo Cardoso de Oliveira (1996, p. 1), “o olhar, o ouvir e o escrever, são destacados como três momentos especialmente estratégicos”. Ou seja, o autor chama a atenção quanto ao momento da escrita, pois, é onde será interpretada a realidade sociocultural do objeto estudado.

Foi somente em setembro de 2017, que tive a certeza que realizaria minha pesquisa de conclusão de curso sobre o Círio de Nazaré, seguindo uma visão antropológica. De acordo com Perez (2011, p. 26), a antropologia evidencia, desde sua constituição como disciplina, que festas, notadamente, religiosas, marcam os tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida coletiva, a periodicidade das passagens, pautam, ainda, as formas de agregação e solidariedade coletiva, e indicam as emoções e as paixões comuns à sociedade.

Em 2017, ao tomar conhecimento da festa do Círio de Nazaré, que ocorre anualmente em Brasília, no segundo domingo de setembro, fui participar para compreender como era realizado o Círio. Para minha surpresa, descobri que as maiorias dos fiéis são oriundas do Pará, são os “pioneiros” que migraram para a capital do país,



Brasília, e aqui criaram uma comunidade de paraenses. Ao implementar o Círio de Nazaré na capital, criou-se um espaço para homenagear a santa padroeira, Nossa Senhora de Nazaré, momento que fortalecem a fé, a tradição religiosa, e que marca a identidade do povo paraense.

Procurei o professor Carlos Alexandre Plínio dos Santos, relatei que tinha participado da procissão em Brasília, mostrei fotos e comentei sobre o meu interesse em realizar a pesquisa do final do curso de graduação sobre o Círio de Nazaré, no entanto, em Belém (PA), e se ele poderia orientar-me. Ele aceitou, e para minha grata surpresa, incentivou-me para que eu fizesse um projeto informando sobre minha intenção de realizar pesquisa de campo. Na ocasião, estava aberto um edital (resolução n. 002/2017) para apoio à pesquisa do Departamento de Antropologia (DAN ICS)/ pleiteei e pude realizar minha pesquisa de campo. Em outubro deste mesmo ano, fui para Belém (PA) e acompanhei a quinzena nazarena.

Para entrar em campo, fiz leituras de diversas festas populares de cunho religioso pois há uma vasta literatura sobre o assunto, por estarem presentes em quase todo o território nacional. Achei interessante perceber que cada localidade ou estado brasileiro, possui traços característicos e uma dinâmica específica, seguindo uma tipologia de significação de signos e rituais, que os agentes religiosos e a comunidade local inserem nos seus eventos.

Posso afirmar que a festa do Círio de Nazaré é a minha primeira experiência etnográfica, onde realizei uma incursão a campo para seguir o meu “objeto” de pesquisa. Como estudante de antropologia, e realizando minha primeira experiência em pesquisa de campo, fui orientada pelo professor Carlos Alexandre, a levar um caderno para registrar todas as anotações, uma máquina para fotos, e material necessário para coletar dados importantes, o que foi de grande valia, pois de posse de informações diversas sobre o Círio de Nazaré através da participação dos romeiros, pude compreender as manifestações culturais presentes, as crenças, a forma como se festeja as tradições e, por sua vez, como isto interfere no modo de vida da população paraense. A festividade é bem notável no âmbito religioso e profano, onde o profano se desenvolve em paralelo à faces religiosas, e ambas trazem seus significados próprios.

No contexto teórico, privilegiei um conjunto de autores paraenses como Maués (1995;2016), Bonna (1993;2001), Rocque (1981), e outros canônicos, como Geertz

(2008), Mauss (2003), Turner (1967), entre outros, em razão, deles assumirem essa condição por serem referências obrigatórias em pesquisas voltadas para este campo antropológico.

### **Por que pesquisar o Círio de Nazaré?**

Já se falou muito sobre a festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que é realizado no segundo domingo de outubro na cidade de Belém do Pará. Há muitos livros, monografias, artigos todos dizem algo sobre essa festa que se estende durante séculos.

Tive uma oportunidade rara de estabelecer estreitos contatos com o Círio de Nazaré por ter morado muitos anos em Belém, e várias vezes ter assistido a procissão do Círio (nunca participei segurando a corda, nem pagando promessas). Eu não tinha interesse no Círio, pois o hábito de participar de festa de santo, de procissão em si, não foi cultivado em minha família, apesar desta pertencer à religião católica, não tínhamos essa tradição.

Como em outubro, Belém está voltada para as comemorações ao Círio de Nazaré, fui aos poucos incorporando o hábito de assistir a procissão, de participar de almoço do Círio na casa de amigos (pois alguns pratos típicos da culinária paraense servida no Círio requerem cuidados no seu preparo e domínio em manuseá-los, coisa que em minha casa não sabíamos fazer, pois somos maranhenses e nossa gastronomia é bem diferente), aos poucos, portanto, foi-me sendo apresentada a importância do Círio de Nazaré para a comunidade paraense, e a maneira mais singular de homenageá-la.

Quando morava em Belém, eu não tinha a dimensão da importância dessa festa, foi necessário ausentar-me para ter a consciência que o sentimento de pertencimento à cultura paraense, aflorava de maneira gigantesca em minha identidade cultural, que influenciam em minha vida em vários aspectos. Segundo Hall (2006, p.8) identidades culturais são aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

As expressões existentes na cultura do povo paraense estão diretamente engajadas na figura de Nossa Senhora de Nazaré e na Festa do Círio. Ambos são cercados de sentidos que fortalecem os laços de pertencimento e ao mesmo tempo faz o povo manter sua identidade por meio das histórias e da cultura que vão além da festa.

Fortalecer a identidade através dessas histórias e da cultura representa um gesto de resistência onde o interesse da comunidade é manter a noção de pertencimento.

O que mais motivou minha escolha para fazer o estudo do Círio de Nazaré, foi alicerçado essencialmente em dois aspectos: primeiro pelo fato de me parecer essencial acompanhar as romarias para compreender como os devotos da Virgem de Nossa Senhora de Nazaré se preparam para recebê-la durante a quadra nazarena; e a segunda, acompanhar integralmente a procissão do Círio de Nazaré, para assim ser possível compreender as vivências, as dificuldades, os anseios, as promessas, os novos pedidos, e as graças alcançadas.

### **Procedimentos teórico-metodológicos**

Este trabalho é fruto de uma atividade prática de observação voltada para compreender sobre símbolos e rituais existentes no Círio de Nazaré, tem como objetivo entrar em contato com a realidade dos romeiros que vivenciam a fé na padroeira do povo paraense, Nossa Senhora de Nazaré, buscando entender as atitudes dos fiéis que participam do Círio, e da cultura existente nos símbolos e rituais utilizados.

A intenção no primeiro momento foi descrever a história do Círio, o achado da Santa, o papel de Plácido, os símbolos e rituais utilizados pelos romeiros, dando destaque para as diversidades entre eles, como se estabelece a comunicação ritualística de forma a transformar o comportamento em hábitos padronizados, fixos e comunicativos.

Foram utilizadas muitas citações dos entrevistados, desse modo, a partir das entrevistas foram levantados três temas para discussão: “Como os rituais e símbolos funcionam para ajustar os indivíduos criando normas para perpetuar a tradição do Círio”, a “diversidade dos símbolos e dos rituais” e seus significados” e os “símbolos e rituais como elementos de interação”.

O local onde se deu a prática de observação, foi no Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará, que é caracterizado como a maior festa religiosa do Estado, constituído de várias manifestações simbólicas e ritualistas que servem para compreender e interpretar seu caráter comunicativo junto à sociedade paraense. O Círio de Nazaré fica a cargo do arcebispo de Belém e do pároco da Basílica de Nazaré, junto com os membros que fazem parte da estrutura sacerdotal da Igreja Católica, embora, tenha participação da sociedade civil.

O acesso as informações foram, relativamente, fáceis de serem conseguidas, pois em todos os locais onde circulam os devotos, há voluntários trabalhando no período da festa, com vasto conhecimento sobre o evento e, ainda, citam os locais e as pessoas que podem fornecer maiores dados sobre o tema.

Em campo, os dados sobre pessoas e locais foram organizados paulatinamente, necessário para que mantivesse contato, o que deixou-me tranquila. Logo, recebi um livro com as datas e os horários de todos os eventos que foram realizados durante a quinzena nazarena, o que possibilitou minha participação em várias romarias.

A metodologia desta pesquisa constitui-se, basicamente, no trabalho de campo etnográfico que, para Clifford (2008, p. 20), permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga os seus praticantes a experimentar tanto em termos físicos, quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, frequentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais.

Para Clifford (2008), além da experiência de campo, o fazer etnográfico traduz a experiência do pesquisador pela forma com a qual vai escrever seus textos. A escrita vai ser de grande valia, pois é uma das estratégias que dará autoridade científica ao conhecimento antropológico.

Outros procedimentos incorporados são as técnicas de observação direta e participante. De acordo com Costa (1997, p. 212), “a observação participante se distingue de uma observação comum, na medida em que pressupõe essa integração do investigador ao grupo, à comunidade ou à sociedade que pretende estudar, não como simples observador externo aos acontecimentos, mas neles tomando parte ativa”. Complementadas com entrevistas não estruturadas, pesquisa documental, em periódicos, com a produção de imagens fotográficas realizadas por mim.

Segundo Novaes (2014, p. 61), “tanto a fotografia como a narrativa tem a capacidade de acolher a experiência de quem contempla ou ouve”, acolhimento que desperta em quem ouve, ou contempla, novas reflexões sobre suas próprias experiências. Por acolhimento fotográfico quero dizer que ela é suficientemente “aberta” para que o (a) observador (a) possa mergulhar em seu interior e paradoxalmente, perceber em si mesmo o que a foto desperta. A imagem é memória, fotografar passa pela sensibilidade, pelo olhar, pela intuição. Desta forma estabelece-se a referência metodológica utilizada:

- a) A experiência empírica em Belém foi realizada através de observação e entrevistas, com o objetivo de sistematizar evidências de como os romeiros que participam do Círio de Nazaré manifestam sua fé. As conversas com os romeiros, familiares e até vizinhos (que no momento acompanhavam os *promesseiros*) e voluntários, foram um grande recurso para recolher mais dados sobre o evento do Círio.
- b) Pesquisa bibliográfica e documental (jornais, revistas, periódicos e outros), que tratavam sobre o Círio, foram valiosos pela intensidade do objeto de estudo, e, pelos olhares silenciosos dos romeiros que também se expressavam com gestos encontrados durante o trabalho de pesquisa de campo.
- c) Outro recurso que utilizei, embora não pareça ser “ético”, mais parece-me interessante antropológicamente, foi ouvir as conversas paralelas dos romeiros que estavam ao meu redor, nas romarias, nas procissões, nas barracas de comidas, por todos os lugares.

É importante frisar que a pesquisa de campo contou com dois momentos distintos: o encontro com o “objeto”, da qual trata o primeiro capítulo, que consiste em relatar o campo e a história do Círio de Nazaré. O segundo capítulo trata das romarias, dos símbolos utilizados no Círio e o que eles representam; e o terceiro capítulo, vai abordar sobre o sagrado e o profano dentro da festa, o arraial e o almoço do Círio. Na parte final do trabalho, proponho-me a realizar uma análise sobre a importância dos símbolos e dos rituais como código de interação entre os romeiros e entre a Santa de devoção, e como eles interferem na dinâmica social e histórica do povo paraense.

## CAPÍTULO 1

### 1 A chegada em Belém e a saída de campo

Para realizar esta pesquisa etnográfica, tive que deslocar-me de Brasília para Belém, com o objetivo de pesquisar *in loco* o Círio de Nazaré. A saída de Brasília ocorreu por volta das 21h30 minutos, do dia 7 de outubro de 2017. Cheguei a Belém, às 00h do dia 8, véspera do Círio de Nazaré. Ao chegar ao aeroporto *Val-de-Cans*, em Belém, já podia sentir o clima de festejo que se estenderia pelos próximos quinze dias. Faixas de boas-vindas aos turistas, anunciavam a devoção do povo pela Santa padroeira, Nossa Senhora de Nazaré, ou “Nazinha”<sup>1</sup>, como chamam os paraenses devotos.

No *hall* do aeroporto, havia uma grande imagem de Nossa Senhora de Nazaré, decorada com flores e fitinhas coloridas anunciando que a cidade estava acolhendo todos que chegavam para assistir ao grande evento religioso. Ao entrar no táxi, a conversa girou entorno do Círio, o motorista foi muito solícito foi explicando muitos detalhes sobre os acontecimentos que estavam prestes a ocorrer. No percurso para casa, atravessamos a Almirante Barroso que é uma longa avenida onde nos deparamos com pessoas de diversas faixas etárias como se tivessem seguindo um cortejo. O motorista explicou:

*Essas pessoas são os romeiros chegando dos diversos municípios que estão vindo para pagar promessas e por todos esse trajeto há grupos distribuindo água, café, comida, alguns órgãos públicos estão abertos para acolher esses romeiros, onde podem usar banheiro, lavar os pés e se refrescar do forte calor que está muito grande hoje a noite na cidade, também fazem curativos nos pés e recebem massagens daqueles que estão colaborando como voluntários para que os romeiros possam chegar ao destino final que é a catedral para acompanharem a procissão que irá ser neste domingo. As ambulâncias estão estacionadas em toda a extensão das BR 316 para dar suporte a quem passar mal com a longa caminhada e o calor, mesmo sendo a noite. E hoje está sendo realizada a trasladação que é a saída da Santa do Colégio Gentil Bittencourt para a Matriz da Sé. (Conversa ocorrida no dia 07/10 2017).*

Os romeiros não medem esforços para percorrer longas distâncias a fim de prestarem homenagens à padroeira dos paraenses, seja pagando por graças alcançadas; ou realizando alguma penitência, em outros casos, faz-se novos pedidos. Estava tão interessada na conversa e ouvindo a história, que não me lembrei de perguntar o nome

---

<sup>1</sup>Nazinha. Nome usado carinhosamente pelos devotos da Vigem de Nazaré.

do motorista, pois naquele momento, começava minha trajetória em campo (se é que posso dizer isso), e minha atenção estava voltada para as informações valiosas que estava recebendo. Ao despedir-me do motorista, ele alertou-me:

*Se quiser acompanhar a procissão saia de casa às 5:00h pois a agitação será grande e se você chegar tarde poderá não acompanhar a procissão”. Agradei pelas informações e nos despedimos com ele desejando-me “um feliz círio”.*

Rocque (1981, p. 11) afirma que a expressão “Feliz Círio”, ao ser dirigido para uma pessoa, exprime para as demais, seja íntima ou não, o mesmo sentido ou a mesma ênfase que tem as expressões, “Feliz Natal” ou “Próspero Ano Novo”. Ao chegar em casa, fui dormir, pois já ia dar 1:00h da manhã e precisava me levantar bem cedo para dar continuidade ao trabalho, que seria realizado nos próximos dias.

Com o intuito de aproveitar o tempo para a pesquisa, já havia planejado algumas estratégias metodológicas para entrar no campo onde seria realizado meu trabalho. No decorrer de toda a pesquisa, procurei usar a observação e conversar com os romeiros para recolher o maior número de informações possíveis. Assim, tomei o cuidado de levar um caderno de campo para fazer as anotações sobre crença, fé, promessa, rituais, símbolos, ouvindo com interesse, o que os interlocutores diziam para anotar e registrar de forma fidedigna o que era narrado.

A minha pesquisa de campo foi iniciada no segundo domingo de 8 de outubro de 2017, pois, a data oficial para a realização do Círio de Nazaré é sempre o segundo domingo de outubro, o que deixa o povo paraense preparado para participar deste grande evento religioso. Às 5:30h de domingo, cheguei ao local onde estavam concentrados os fiéis, a Virgem de Nazaré estava sendo deslocada da Catedral da Sé, rumo a Basílica de Nazaré, sob a organização da Diretoria da Festa de Nazaré, da Basílica Santuário e da Arquidiocese de Belém, um trabalho que é desenvolvido ao longo de todo o ano, pois, assim que termina um círio, começa o planejamento do ano seguinte.

Neste horário, o sol já estava a pino, anunciando que o dia seria de muito calor, ao mesmo tempo, corria uma brisa, estávamos na Avenida Getúlio Vargas, frente a Estação das Docas, voltados para a Baía de Guajará<sup>2</sup> o que amenizava um pouco o

---

<sup>2</sup>Baía de Guajará. A baía de Guajará é formada pelo encontro da foz dos rios Guamá e Acará que banha os municípios paraenses de Barcarena e Belém.

calor. Pessoas de todas as faixas etárias faziam parte da festa, muitos levavam nas mãos objetos para pagarem as promessas (livros, casas de madeira que seriam réplicas das graças concedidas, pernas, mãos, cabeça feita de cera, velas do tamanho da pessoa, brinquedos de meriti e outros objetos).

O comércio é bem intenso com vendas de fitas, CD's com as músicas religiosas, Santas de todos os modelos e tamanhos, comidas da região, lembrancinhas diversas, era um colorido bonito de se vê. Muita gente já vinha se arrastando de joelho pela Avenida Getúlio Vargas, que é o trajeto por onde a Santa passa. Vale ressaltar que esse percurso é uma ladeira, o que faz com que o pagador de promessa despenda um grande esforço para ir de joelho até a Basílica. Neste momento, percebe-se a solidariedade das pessoas, pois, uns vão puxando um papelão para que o romeiro possa se arrastar, sem ferir-se, pois, o percurso é longo e cansativo, outros vão jogando água para refrescar, e há pessoas que vão limpando o suor que banha o corpo dos romeiros que pagam as suas promessas.

Do local onde eu estava posicionada, dava para observar as pessoas, as expressões de fé, as emoções contidas no rosto de quem esperou para pagar sua promessa, a solidariedade do povo, a cumplicidade das famílias que se ajudavam para o cumprimento daquelas promessas que, por seu turno, exigiam sacrifícios. Depois de um tempo de observação, pude chegar perto das pessoas que chamaram minha atenção, calmamente, ia até lá, conversava e explicava o meu objetivo, pedia autorização para registrar o que estava sendo falado, e por incrível que pareça, todos foram cordiais e passaram a fazer relatos emocionantes sobre os milagres recebidos de Nossa Senhora de Nazaré. Aproveitei para pedir autorização para utilizar os relatos e para registrar as fotografias, o que fui prontamente atendida pelos romeiros.

Neste horário, já havia pessoas com caixas de isopor distribuindo água aos romeiros, prática realizada por fiéis, como, por exemplo, Leonardo Sampaio, 28 anos, que explicou:

*Distribuo água pagando promessa, ajudando o pessoal, eu e mais 20 jovens, arrecadamos dinheiro o ano inteiro, e no círio, damos água e lanche para os romeiros.*

De acordo com a definição de Mauss (2008, p. 66), em relação à dádiva e a obrigação de retribuição, esse tipo de atitude faz parte da vida social como um constante entre dar e receber, fundamento de toda sociabilidade humana.



## 2 A procissão, momento de Escuta

Antes de começar a procissão do Círio, e no decorrer do evento, aproximava-me de algumas pessoas e relatava que o meu propósito, ao participar da festa, era também de recolher dados para a realização da minha monografia, no curso de Antropologia. Expor essa situação com clareza teve como objetivo permitir-me fazer perguntas mais incisivas e poder observar, demoradamente, alguns comportamentos, sem causar no outro constrangimento.

O primeiro a ser entrevistado, foi o Sr. Antônio que carregava na cabeça uma casa feita de madeira, para pagar a graça de ter comprado uma casa. Tive a curiosidade de saber a história dele, e ele prontamente falou:

*Tenho 49 anos, já acompanho o círio há 25 anos, sou de Belém, estou com minha filha Manuela de 20 anos, que foi a criadora da casa que carrego na cabeça, junto está minha esposa Ana e a vizinha Sra. Graciete que vieram dá força para que eu realize o percurso e chegue até a Basílica para agradecer a casa que consegui comprar.*



**Figura 1:** Sr. Antônio pagando a promessa comprou a casa própria.  
**Fonte:** Trabalho de Campo, 2017.

Para Alves (1980, p. 55), “duas categorias de pessoas são identificadas de imediato pelos participantes do Círio de Nazaré: o devoto e oromeiro”. Consideram-se devotos de Nossa Senhora de Nazaré, todos aqueles que acompanham a procissão ou que cumprem uma devoção que pode se revelar através de um objeto, ou da simples decisão de acompanhar descalço a procissão em todo o seu trajeto. Oromeiro é aquele

que viaja para uma determinada cidade, a fim de pagar uma promessa ou prestar devoção a um determinado santo.

Essa afirmação de Alves (1980), demonstra que o devoto ou romeiro que carrega um objeto, ressalta o compromisso e a lealdade à Nossa Senhora de Nazaré, e a devoção pode se manifestar das mais diversas formas. Pelo relato do Sr. Antônio, percebe-se a solidariedade, a partilha, que é o momento onde os participantes são provocados por um conjunto de emoções, de vivências, que favorecem o sentimento de participar de um evento coletivo.

O Sr. Frank, 58 anos, mora em Belém, e relata:

*Vim pagar a promessa trazendo um carro de cera, pois este ano consegui comprar meu carro, vou acompanhar o círio até o final, vou agradecer a 'Santinha', estou com meus filhos, nunca faltei um ano no círio, já vinha no colo do meu pai, e hoje venho com minha família.*

Bonna (1993, p. 35) cita que, “não se sabe quando começaram a ser feitos os ex-votos em cera, mas existem crônicas muito antigas que comentavam o costume de pagar promessas desse jeito, imitando Portugal”. Sobre promessas ela pode ser definida como um compromisso que uma pessoa faz consigo ou com outrem.



**Figura 2:** Pagando promessa por ter conseguido o carro  
**Fonte:** Trabalho de Campo, 2017.

A fé dos romeiros não chega a ser abalada, pois acreditam que a Virgem os livra de outras aflições e, que na hora certa, o milagre chegará, não costumam desistir de acreditar que seus pedidos serão atendidos. Ouvindo e vendo esses exemplos, pode-se

observar que os romeiros são fiéis no pagamento de suas promessas, e que quando seus pedidos não são contemplados ficam resignados e voltam no próximo ano na certeza de ter sua graça alcançada. Assim: “para as ausências de uma recompensa desejada, as explicações serão frequentemente aceitas, posicionando a obtenção da recompensa no futuro distante ou em outro contexto não verificável” (Stark e Bainbridge, 2008, p.47).

Podemos observar essa explicação no relato de Liliane Rodrigues, 57 anos:

*Há cinco anos faço uma promessa e só posso revelar meu pedido para as pessoas, quando eu completar 60 anos, só estou esperando o momento da passagem da corda para acompanhar a procissão, acompanho levando minha cruz e rezando meu terço.*



**Figura 3:** Esperando a procissão. **Fonte:** Trabalho de Campo, 2017.

Nesse lapso de tempo, ao meu redor, já havia uma grande aglomeração de fiéis, de vendedores ambulantes, com diversos tipos de mercadorias (fitinhas, imagens, terços, camisetas, brinquedos de miriti, CD's com músicas religiosas, entre outros). Romeiros carregando réplicas de carro, casa, barco, partes do corpo de cera, outros fiéis preparando-se para irem de joelhos até a Basílica de Nazaré, com ajuda de familiares e de outras pessoas que estavam na procissão, pois neste dia, a solidariedade é visível, todos procuram se ajudar.

Há ainda, a presença de muitos jovens carregando livros, apostilas, agradecendo por terem êxito em concursos públicos, ou ainda, no vestibular da Universidade do Pará (UFPA). Neste momento, vejo o carro dos milagres passando, recolhendo os objetos

que os promesseiros trazem, ou como pagamento, ou como pedido de promessas, assim, o cortejo vai seguindo rumo a Basílica.

Cléber do Carmo, 40 anos, é agente policial:

*Estou pedindo livramento e a família veio apoiar, pois trabalho em um serviço perigoso, vim também agradecer pelas coisas boas que aconteceram neste ano.*

Ainda que haja algum devoto fazendo apenas parte da procissão a Nossa Senhora de Nazaré, por simples devoção, há participação no Círio, em consequência, de uma promessa feita anteriormente. Este fato nos obriga a pensar em outro momento, estudar a promessa, pois, sendo uma parte invisível da romaria, é nela que está impregnado o resultado do êxito na procissão.

Ângelo Vicente, 32 anos, relata:

*Venho ao círio pagar promessa pelo nascimento da minha filha, pois, a mulher não conseguia engravidar, chegando a ter três abortos, participamos do Círio do ano passado, e agora estou com a mulher e a filha em casa, que não puderam comparecer, pois a criança está muito pequena.*

Outro relato, importante fazer nota é o de Eniéσιο, 23 anos, veio agradecer pela sua aprovação no vestibular: *“Passei no vestibular para administração, na Universidade Federal do Pará, estou muito feliz, é muito concorrido, hoje quero agradecer”*. Segundo Pereira (2003, p. 102) “a necessidade de realizar promessas surge, preferencialmente, associada a um desequilíbrio, que pode ser por perda do emprego, por aborrecimento familiar ou, entre outros motivos, por uma situação de doença”. Geralmente são situações que ultrapassam a capacidade do promitente<sup>3</sup>

Paro um pouco no percurso para apreciar o helicóptero da Polícia Militar, que passa pela avenida saudando a virgem, jogando papel picado nos romeiros, indicando que a procissão está em movimento. A Banda Militar, da Polícia do Pará, segue tocando os hinos que saúdam Nossa Senhora de Nazaré. Nos prédios, as pessoas ficam nas janelas saudando a Virgem, e as sacadas são ornamentadas com balões, bandeiras, flores, cartazes de Nossa Senhora e toalhas coloridas, formando um belo espetáculo de cores.

Uma rajada de fogos explode no ar, é a homenagem do Sindicato dos Arrumadores do Pará saudando a Virgem, que vai passando em frente ao Porto, local

---

<sup>3</sup>Promitente, indivíduo que faz promessa a outra pessoa, conforme Pereira (2008, p. 94).

onde é descarregado as mercadorias que vem de barco de outros municípios do Pará. É um espetáculo divino. Às 7:18h, a procissão já fez um bom percurso, o calor vai cada vez aumentando o suor, é algo indescritível, uma multidão se aglomera, o que provoca mais ainda a onda de calor, amenizado com o consumo de água disponibilizada para os romeiros, este gesto também é pagamento de promessa.

De acordo com Pereira (2003, p. 102, *Apud* Pina Cabral, 1984, p. 11) “independentemente das formas que as promessas possam assumir, é notório a «propensão para utilizar o poder divino aplicando-o às necessidades do dia a dia, com tendência a fazê-lo por meio de um sistema de prestação que parece ter sobrevivido até hoje”.

Às 7:38h, a procissão já avançou bastante, o cansaço começa a bater, porém, é necessário chegar até a Basílica, dei uma parada, conversei com um casal que, ao meu lado, acompanhavam a procissão, era Priscila Negrão, 32 anos, e o Charles Araújo, 37 anos, carregavam um boneco de cera, para deixarem no carro dos milagres. Em seus relatos, “*somos paraenses, estamos pagando uma promessa pelo nosso sobrinho, que tinha refluxo e, agora, está bom de saúde*”.

Já são 7:51h, ainda estamos na avenida Presidente Vargas, onde em cada quadra há um conjunto de músicos que ficam nos prédios públicos, tocando os hinos católicos para saudarem a vigem, é um espetáculo emocionante, todos da banda usam vestimentas iguais com fotos em homenagem a Nossa Senhora.

O povo vai caminhando, rezando o terço, falando em voz alta:

*Viva Nossa Senhora de Nazaré!*

*Viva!*

*Viva a mãe a dos paraenses!*

*Viva!*

*Viva a rainha da Amazônia!*

*Viva!*

A Banda Militar, por seu turno, segue tocando várias músicas religiosas em homenagem à Santa, num dos cânticos entoados, se ouve:

*“Vós sois o lírio mimoso.*

*Do mais suave perfume,*

*Que ao lado do santo esposo.*

*A castidade resume.*

*Ó Virgem Mãe amorosa.*

*Fonte de amor e de fé.*

*Dai-nos a benção bondosa. Senhora de Nazaré”*

*(...).*

As promessas, particularmente, a de segurar na corda é, simbolicamente, equilibrada, ao segurar a corda, o pagador da promessa cumpre um sacrifício, descalço, sol a pino, calor, cansaço, como pagamento de uma dádiva já recebida de Nossa Senhora de Nazaré.

Segundo Maués e Heraldo (1995, p. 353), “são bem variadas as formas pelas quais se cumprem as promessas, formas essas já estabelecidas no momento de prometer, mas que podem sofrer alterações, segundo as circunstâncias”. Essas alterações, no entanto, são feitas no sentido de acréscimos, que tornem mais difícil ou mais espetacular o seu cumprimento.

E assim, durante todo o cortejo, as músicas são entoadas em homenagem à Virgem de Nazaré. A procissão continuou o seu curso; sol, suor, calor, era um empurra daqui, empurra dali, com o intuito de procurar um local na avenida que seja ideal para acompanhar o cortejo, fiéis vão se organizando.

Nesse momento, é notório a solidariedade do povo paraense, pois quem não acompanha a procissão fica nas calçadas saudando a Virgem, dando água aos romeiros, fazendo orações, distribuindo ventarolas para amenizar um pouco o calor e santinhos, com pequenas moedas são ofertados, pagando promessas pelas graças alcançadas. E, esta forma de pagamento, vai propor bem àqueles que pagam a promessa, e aos que recebem.

Ao meu lado, seguindo a procissão, uma senhorinha acompanha o cortejo, vejo-a puxando a perna, é uma senhora miudinha, frágil, sozinha, com muita dificuldade

de locomoção. Puxo conversa, é a Sra. Maria Assunção, pergunto o porquê de estar ali sozinha, ela responde:

*Todo ano acompanho o Círio, Venho só não tem marido nem filho, o meu único filho morreu há três anos atropelado, hoje vivo sozinha, vim pedir força, saúde, apesar de estar com o joelho inchado venho mancando mais não falta o Círio, vou chegar até a Basílica, pedi para Nossa Senhora de Nazaré a graça de alcançar a segunda parcela do cheque moradia do programa da casa própria para terminar de consertar minha casa, pois hoje, moro de favor no Centro Comunitário no Bairro do Jurunas.*

Às 8:20h, estamos na avenida Getúlio Vargas, em uma parte cercada de mangueiras que dá trégua ao sol, dando uma leve refrescada. Minha atenção é voltada para um senhor, chego até ele, é o Sr. Pedro da Conceição, 52 anos, que conta:

*Venho de Bacabal no Maranhão, viajei 1000 km, pois há 25 anos, acompanho o círio, carrego um terço de 15k feito de lenho de babaçu, o terço é por um milagre alcançado, pois tenho muita fé em Nossa Senhora de Nazaré. Venho pagar pela saúde da minha esposa, que adoeceu e o médico deu dois meses de vida, hoje está com treze anos que ela curou de um câncer.*

Maués e Heraldo (1995, p. 353), citam que o cumprimento da promessa ao santo, pode ser feito tanto pelo beneficiário, depois da graça (tenha ou não feito a promessa), como por quem prometeu por outrem; algumas vezes, também, a promessa é feita por alguém, em benefício de outro, com a condição de ambos cumpri-la. Aléxia Santos, 4 anos, veio com a mãe:

*Estamos pagando promessa, pois minha filha nasceu com problema respiratório, até ela completar sete anos, ela vai participar da festa vestida de anjo.*

No meio da procissão, havia grupos com faixas de protestos, contra a violência, e SOS Amazônia. Percebo ao meu lado pessoas comentando que discordam desse tipo de protesto: “Aqui é o momento de oração, não de bagunça”. Às 9:30h, a procissão já avançou bastante, um grupo de devotos chega a Basílica, o cansaço no rosto de todos é visível, mais ninguém se afasta, todos continuam com o objetivo de chegar até o final. Às 10h, a Santa ainda não chegou à Basílica, paro um pouco para esperar a corda, enquanto aguardo, converso com a Sra. Maria do Socorro Silva Souza, 56 anos, que relata:

*Eu acompanho o círio há trinta anos, sempre carregando a mesma Santa, já recebi muitas graças, venho pedir e agradecer, sou paraense e tenho muita fé na Santa.*

Percebe-se pelos relatos que há promessas que se cumprem apenas uma vez, outras por tempo determinado, fixada em dois, três ou mais anos e outras, que são feitas para a vida toda.



**Figura 4:** Movida pela justiça. **Fonte:** Pesquisa de Campo, 2017.

Nas repartições públicas, nos prédios nas fachadas dos hotéis há um grande colorido com faixas, retratos da Virgem de Nazaré. Cada grupo faz sua homenagem com símbolos que remetem ao momento, em cada quarteirão, da Avenida Getúlio Vargas, há bandas que seguem entoando músicas religiosas por todo o cortejo, provocando nos romeiros uma grande comoção.

A passagem do cortejo na Avenida Getúlio Vargas é um momento mágico, a avenida é bem arborizada, com enormes mangueiras dando um pouco de trégua ao sol que insiste em brilhar de forma intensa, como se também quisesse fazer sua homenagem à Virgem de Nazaré. Já são quase 10:00h e a procissão continua o seu curso, percebe-se visivelmente, o cansaço dos romeiros, mas, todas querem chegar até a Basílica para assistir a missa e, ao longo do trajeto, pegar na corda.





**Figura 5:** Prédio enfeitado saudando a Virgem.  
**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2017.

Com o cortejo chegando perto da catedral, ouve-se, através das caixas de som, pedidos em uníssono para “que a corda não seja cortada”, esse pedido é feito porque muitos romeiros acreditam que pegar na corda e, seguir até o final da procissão, é o que justifica o pagamento das suas promessas, outros; contentam-se em participar apenas acompanhando o cortejo, levando seu voto até a Basílica. Era quase 11:00h quando a Virgem de Nazaré se aproximava da Basílica. Para muitos fiéis foi um momento desolador, porque a corda foi cortada antes de chegar à Basílica, o que provocou nos romeiros uma tristeza por não ter podido, pelo menos, tocar na corda ao final da procissão.

Nas palavras da Sra. Maria das Graças Souza, 56 anos, percebe-se o desconsolo:

*Estou acompanhando a procissão, tentei pegar na corda, não consegui, não acompanhei desde o início, esperei chegar aqui nesse ponto para tentar pegar na corda, soube que foi cortada, fico triste com isso, vim aqui não pegar na corda<sup>4</sup>, é como se eu não estivesse no Círio.*

Quando a Virgem de Nazaré vai chegando à Basílica, os romeiros estão exaustos, uns assistem à missa, outros procuram lugar para descansar, outros procuram recuperar as energias se deliciando com a gastronomia paraense. Barracas diversas são montadas e o cheiro da comida típica fica inebriante no ar, anunciando que está na hora de apreciar as deliciosas iguarias, maniçoba, tacacá, pato no tucupi, entre outras.

---

<sup>4</sup> O devoto de Nossa Senhora de Nazaré, mesmo que não acompanhe a procissão, quer pelo menos segurar por um momento a corda.

Os romeiros que não tem onde ficar dirigem-se à Casa de Plácido, onde há um acolhimento para cuidar dos pés calejados, do cansaço, e oferecer alimentação aos que quiserem almoçar.



**Figura 6:** Casa de Plácido. **Fonte:** Trabalho de Campo, 2017.

A Casa de Plácido é o local onde a santa foi encontrada pela primeira vez, foi construída para receber os romeiros. A Coordenadora da Pastoral da Acolhida, Sra. Úrsula Rodrigues, 41 anos, informou:

*Sou voluntária aqui, a casa de Plácido durante os quinze dias do círio recebe quinze mil pessoas. No período do círio ela fica aberta 24 horas. A casa só é fechada somente no sábado que antecede o círio, pois os voluntários vão para as procissões. A casa é só para acolhimento. Só para tirar o cansaço dos romeiros que vem dos municípios, quando chegam na casa tem os pés lavados, é servido alimentação, massagem, os que necessitam recebem atendimento de uma equipe de saúde com enfermeiros e médicos que verificam a glicose, a pressão, as dores musculares. A casa tem uma boa organização, tem equipe de almoço, almoxarifado, de limpeza, de liturgia, de animação e cantos. É um trabalho muito grande diz, trabalho fora, tenho marido e filhos e em casa faço o terceiro turno. A casa sobrevive com doações arrecadadas durante o ano para nesse período ter alimento. Este trabalho de arrecadar alimentos é de responsabilidade da Pastoral da Acolhida, existe desde 2001, mais a casa começou em 2009, antes a acolhida era no Centro Social. A casa tem 1.335 voluntários, todos eles fazem uma preparação, momento de espiritualidade, formação de equipes. Cada voluntário no ato da inscrição fica informado das equipes existentes e escolhe o que deseja fazer como voluntário.*

Para Alves, há uma ordem estrutural manifesta e ao mesmo tempo tem um espírito comunitário vivenciado pelos participantes dos diferentes eventos que compõem a festa. Quando a procissão chega ao final, todos levantam as mãos para



Todavia, o maior destaque volta-se para o aspecto religioso, que desenvolve o capital cultural e econômico da cidade.

No mês de outubro, Belém assume toda sua vocação herdada dos colonizadores portugueses para saudar a Virgem de Nazaré. “O Círio foi fundado por um luso, Dom Francisco de Sousa Coutinho, a festa, vinda de Portugal, é comparável aos lusos, que integrados no Pará, acabaram sendo mais paraenses do que lusos” (IPHAN, 2006, p.14), de origem portuguesa, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré tem uma longa história.

Diz-se que, em Portugal, a imagem que deu origem a este culto foi esculpida por São José, tendo a própria Virgem por modelo, teria sido pintada por São Lucas. Depois de muitas idas e vindas, nos primeiros anos do cristianismo, esta imagem chegou às mãos de São Jerônimo e de Santo Agostinho, tendo ido parar na Península Ibérica e, depois nas mãos do monge Romano e do Rei Rodrigo, dos visigodos, derrotados pelos mouros na batalha de Guadalupe (Dubois, 1953).

Abandonada na gruta pelo rei fugitivo, a imagem ficou perdida durante séculos até ser encontrada por pastores, reavivando-se o seu culto, a partir do século XII, depois do famoso milagre de D. Fuas Roupinho, um fidalgo português. Conforme Penteadó (1998), D. Fuas Roupinho teria descoberto a imagem mariana, venerando-a sempre que ali se dirigia para os prazeres da caça. Insiste a tradição que num dia de névoa, em 14 de setembro de 1182, o cavaleiro foi atraído por um veado em direção à morte, no alto promontório do Sítio.

No momento em que o cavalo chegava ao extremo do rochedo, prestes a lançar-se no abismo, o cavaleiro evocou a Virgem, lembrando a sua Imagem, depositada ali próxima da pequena lapa, imediatamente, o cavalo estacou a marcha, e, por milagre, D. Fuas, pôde salvar-se do eminente perigo. Em sinal de agradecimento, o cavaleiro doou aquele território à Senhora de Nazaré, mandando ali erguer uma ermida para guardar a sua Imagem.

Atraídos pela forma do milagre, vieram os primeiros peregrinos, entre os quais D. Afonso Henriques e muitos homens da sua Corte. Originária de Portugal, mas com bases históricas aqui. A devoção a Nazaré foi criada de acordo com a identidade regional do povo e se tornou, especificamente, amazonense, recebendo uma versão local onde o personagem principal é um caboclo e humilde caçador. “Apesar de ser de origem portuguesa, sua versão vem carregada do catolicismo popular, inserida pelos próprios paraenses no decorrer dos anos” (Dubois, 1953 p. 41).

O Círio de Nazaré é um evento de cunho religioso que agrega um conjunto de valores nos rituais e celebrações que envolvem inúmeros fenômenos sociais e já está registrado oficialmente no calendário de Belém desde 1793. Todos os anos, no segundo domingo de outubro, acontece a Festa do Círio de Nazaré, é um mês que se reúne uma gama de rituais, diversas romarias, o arraial (feira de artesanatos, gastronomia, música, danças, entre outros) e o almoço do Círio.

A origem do Círio e da Festa de Nossa Senhora de Nazaré é cercada de narrativas históricas e mitológicas que, durante muitos anos, foram se misturando com fatos históricos, e com diferentes formas de rituais de devoção. Assim, observa-se o sincretismo religioso presente na festa, que decorre da miscigenação do povo brasileiro.

A história do Círio de Nazaré no Brasil começa com Plácido José de Sousa, um *caboclo*, nascido na cidade de Vigia, município de Belém, filho do português Manoel Aires de Sousa. Com menos de 23 anos; ele possuía um sítio na estrada do Maranhão e, na época em que encontrou a imagem, era casado com Ana Maria de Jesus, ambos eram paraenses, era este sobrinho de Aires de Sousa Chichorro, um dos primeiros capitães lusos do Pará, pertencente a uma das primeiras famílias colonizadoras do Pará (Dubois, 1953).

De acordo com Dubois (1953), foi Plácido, quem encontrou em 1700, às margens do igarapé<sup>6</sup> Murutucú, uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Esse fato demanda a grande festa que hoje ocorre e atende aos anseios dos paraenses no que diz respeito ao cultural e a religiosidade.

O mito, a origem e a devoção do Círio de Nazaré, pelo povo paraense, é sempre narrada na literatura, como um *caboclo* que achou a Santa, o relato do achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré no Pará, tem conexões e analogias com as festas de Portugal, de acordo com (Dubois, 1953). Ainda conforme este padre, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré veio de Portugal em linha reta. Embora originária de Portugal, é comparável aos lusos que integrados no Pará, acabam sendo mais paraenses do que lusos.

---

<sup>6</sup>Igarapé palavra que significa caminho de canoa, em tupi que dão origem aos balneários, espaços de lazer no contexto amazônico, como explica a professora Silva Cruz, da Graduação de Turismo da Universidade Federal do Pará (UFPA).

No Pará, a devoção foi trazida pelos jesuítas, logo no início da colonização, a Virgem de Nazaré foi venerada pela primeira vez na cidade de Vigia, onde havia padres da Companhia de Jesus. De Vigia essa veneração passou para Belém. Todavia, originária de Portugal, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré, passou a ser a festa mais importante na Amazônia Oriental,<sup>7</sup> onde é considerada a Rainha da Amazônia e Padroeira dos Paraenses, a devoção nazarena foi incorporada à identidade amazonense seguindo a tradição da própria localidade.

É com Plácido José de Sousa que começa a devoção da população paraense por Nossa Senhora de Nazaré. Vários historiadores relatam a história do aparecimento da imagem onde há misturas de lendas, mistérios e fé. Nessa pesquisa, foram abordadas as versões de Carlos Rocque, jornalista e de Artur Viana, historiador, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, citada pelo padre Florêncio Dubois, em 1953, e de outros personagens que contam suas versões.

De acordo com Dubois (1953), o encontro da imagem ocorreu em pedras cobertas de trepadeiras, entre as quais, havia um nicho natural, o caçador e lavrador Plácido, deparou-se com uma estatueta da Virgem que, apesar das intempéries, não estava maltratada, e tinha o manto a brilhar como se houvesse ficado num templo.

Entretanto, Artur Viana retrata como e onde estava a imagem.

*Um romeiro de nome desconhecido, cita que indo Plácido à caça, deu-se de cara com a imagem da Santíssima Virgem na bifurcação de um taperibaseiro. Admirado de tão feliz achado, e cheio de descontentamento, levou-a para sua choupana onde a colocou no seu oratório de miriti<sup>8</sup>, junto à imagem de um Crucifixo, e outras que lá guardava (Dubois, 1953, p 44).*

Há relatos de outras duas versões, citam que a imagem teria vindo do município de Vigia, trazida pelo próprio Plácido e a última versão cita que a imagem foi encontrada acima de pedras lodosas, à margem de um ribeirão. Por fim, o certo é que a imagem foi descoberta no local onde hoje está localizada a Basílica de Nazaré, por onde passava o igarapé Murucutu.

Plácido, ao amanhecer, foi ao santuário de miriti, procurou a Santa e não a encontrou, procurou por vários lugares, o lavrador então se lembra de ir até a floresta no

---

<sup>7</sup>De acordo com Maués (2008), na Amazônia Oriental, são os municípios localizados nos estados do Amapá, Maranhão, Pará e Tocantins; e os municípios no estado do Mato Grosso, exceto os integrantes do Pantanal matogrossense.

<sup>8</sup>Mirite é a fibra do buritizeiro, palmeira que dá um fruto chamado buriti (IDESP, 2011).

local onde havia encontrado a Santa e de lá trouxe a imagem de volta, o fenômeno se repetiu várias vezes, o fato é que a história se espalhou (Rocque, 1981).

A notícia do milagre correu por toda a cidade, pessoas crédulas e incrédulas dirigiram-se para casa de Plácido, testemunhas das fugas da Santa, o governador da época (no lendário o seu nome não é citado), querendo tirar uma prova concreta, mandou buscar a imagem, trancou-a no prédio sede do governo e colocou guardas a postos. No dia seguinte, quando abriram o compartimento onde a tinham guardado na véspera, encontraram-no vazio. A Santa voltara ao nicho antigo.

Diante do sucedido, Plácido construiu uma pequena ermida para abrigar a Virgem e para devoção à imagem. A notícia dos milagres circula pela cidade, fazendo com que curiosos e devotos passem a visitar o local onde estava a Santa milagrosa. Com o decorrer dos anos, o número de fiéis aumentava, muitos recorriam à cabana de Plácido para ofertarem ex-votos<sup>9</sup>, como pagamento de graças alcançadas.

Após vinte anos, romarias eram realizadas, devotos chegavam descalços, carregavam grandes pesos, como pagamento de promessas, levavam objetos de cera indicando a parte do corpo que havia recebido a cura. Os que tinham melhores condições deixavam aos pés da Virgem, metais preciosos, dinheiro, azeite para as lâmpadas, incensos e outros votos.

No século XVIII, o bispo do Pará à época, era D. Bartolomeu de Pilar, que fazia parte da ordem dos carmelitas descalços, que foi informado sobre a devoção que estava ocorrendo para Nossa Senhora de Nazaré. A devoção cresceu com o tempo, de acordo com (Rocque, 1981, p. 32), “vinte anos depois do achado da imagem, já era grande a devoção dos belenenses à Virgem de Nazaré, Plácido construíra sua choupana mais ou menos”, no ângulo interno do passeio, do largo de Nazaré, próximo ao quartel. Mudanças foram ocorrendo aos poucos, pois a necessidade de acolher os inúmeros fiéis exigia um local acolhedor e preparado para abrigar com segurança a imagem da Santa.

D. Bartolomeu visita então a Casa de Plácido, ele foi acompanhado por um grupo de seminaristas, quando lá chegando passou a adorar e rezar ladainhas, deixando cera e incenso para Nossa Senhora. Foi a primeira visita que Plácido recebeu de um bispo, aproveitou a visita e comentou sobre seu interesse em erguer uma capela digna para

---

<sup>9</sup>De acordo com Dubois (1953, p. 49), ex-voto é o presente dado pelo fiel ao seu santo de devoção em consagração, renovação ou agradecimento de uma promessa.

receber a Santa. D. Bartolomeu lhe prometeu apoio e o aconselhou a procurar a ajuda de outro devoto da Santa, conhecido como Almeida Pinto, o Bispo do Pará.

No ano de 1730, Plácido construiu a segunda ermida, com a ajuda de Antônio Agostinho, um humilde colono que era influente entre os moradores de Belém, essa ermida era de taipa, coberta de palha, com altar de madeira. Agostinho ainda providenciou a limpeza do terreno até a estrada do Utinga e, seguia até Murutucu, que atualmente são as avenidas adjacentes à Basílica, chamada de avenidas Magalhães Barata e Almirante Barroso. Em 1773, foi realizado um sermão onde o prelado<sup>10</sup> coloca Belém sob o manto protetor da Virgem de Nazaré. Em 4 de outubro de 1774, é realizada a primeira trasladação<sup>11</sup>, que foi acompanhada pelo governador da época, autoridades, tropas e o povo.

Em 1728, a cidade de Belém sofria com a incidência de surtos epidemiológicos afetando a saúde pública da população local. De acordo com Rocque (1981), a cidade sofreu um surto de varíola que avassalou-se pela cidade de Belém. E no desespero, a população concentrou-se no pequeno arraial de Nazaré, entoando ladainhas, fazendo novenas, acendendo velas, pedindo ajuda para combater o mal.

Dezessete anos e depois do ocorrido, em 1745, foi a vez da bexiga: a epidemia passou violentamente e mais uma vez os belenenses, correram para pedir ajuda à Virgem das Pedras. Passado mais quatro anos, ocorre outro flagelo o de sarampo. Essas doenças passam a fortalecer a fé, pois pela falta de médicos, a população vai buscar a cura em Nossa Senhora de Nazaré, por acreditarem piamente que a Virgem faria o milagre da cura.

De acordo com Bonna (2001, p.43), “o primeiro Círio foi realizado em terras brasileiras, numa tarde do dia 8 de setembro de 1793, depois de 93 anos”. Neste período, a cidade era iluminada por lampião para clarear a noite e conduzir os fiéis até a ermida, o povo levava velas, o cortejo era seguido por carros, cavalos e outros meios de transportes existentes na época.

Em 1793, o presidente da Província do Pará, Francisco de Sousa Coutinho ávido por fomentar o comércio regional paraense, resolveu organizar uma grande feira em que os produtos agrícolas e extrativistas de toda a província seriam expostos e comercializados.

---

<sup>10</sup>Prelado título honorífico de alguns dignitários eclesiásticos (como bispos, abades, provinciais).

<sup>11</sup>Trasladação, procissão da imagem de Nossa Senhora, é realizada à noite a luz de elas (círios), e vai da capela do Colégio Gentil Bittencourt até a igreja da Sé. (DOSSIÊ, IPHAN, 1. 2006, p. 36).





Estrategicamente, Sousa Coutinho determinou que a feira deveria ocorrer no final do segundo semestre de 1793, na mesma época em que os devotos costumavam homenagear a Virgem de Nazaré.

A oficialização da devoção pela igreja e a feira organizada pelo presidente da província ocorreram no mesmo ano. “Essa decisão mostra claramente que o Estado e a Igreja tinham interesse em exercer o controle da festa, as intenções da Igreja e da Coroa eram visíveis, a devoção popular a Nossa Senhora de Nazaré corria o risco de ser institucionalizada” (IPHAN. 2000, p.14).

Em meados de junho de 1793, antes de ocorrer a feira, o presidente da província Francisco de Sousa Coutinho adoeceu, e para estar presente na inauguração da feira fez uma promessa que se sua saúde fosse restaurada e conseguisse inaugurar a feira, a imagem seria levada até o palácio do governo e de lá retornaria em procissão para a igreja. Sousa Coutinho recupera a saúde, e no dia 8 de setembro de 1793, cumpriu tudo o que prometera.

Nesse primeiro Círio, a Santa foi carregada no colo do vigário-geral, puxado por carros de bois, seguindo a mesma tradição de Portugal. Com a chegada da Santa à ermida, foi rezada uma missa, e o presidente da província Sousa Coutinho inaugura a feira que foi montada no arraial. Esse primeiro Círio fez o mesmo percurso que revive a lenda.

No decorrer dos anos, ocorreram inúmeras mudanças, de acordo com Rocque (1981, p.42), “a procissão ocorrida em outubro de 1800, pelo presidente Souza Coutinho introduzia o costume de levar um grande Círio aceso, previamente mandado confeccionar em Portugal”. E determinava, por outro lado, que os batalhões de infantaria e marinha tomassem parte, na frente, passando a cavalaria que por sua vez não possuía mais de 12 praças, a ladear a serpentina azul e branca em que o capelão levava a imagem. Seguindo em seus palanquins, o diocesano, o governador e autoridades diversas além do povo, que fechava o préstito<sup>12</sup>.

Em 1853, o Círio ocorria no período da tarde indo até a noite. A romaria foi atingida por uma chuva violenta, desde esse período o evento passou a ser realizado pela manhã para que o Círio transcorresse com sucesso.

---

<sup>12</sup>Préstito procissão, cortejo.

Em 1885, quando uma forte enchente ocorrida na Baía de Guarajá alagou a orla, próximo ao *Ver-o-peso* até as Mercês, no momento da procissão, fazendo com que a Berlinda ficasse atolada e os cavalos não conseguissem puxá-la, um comerciante que estava no local resolveu emprestar uma corda para que os fiéis puxassem a Berlinda. Desde então, a corda passou a ser um símbolo das festividades e, se transformou em um grande elo entre Nossa Senhora e os romeiros, a partir desse fato a corda foi inserida e os fiéis passaram a buscar sempre pagar sua promessa segurando a corda.

No ano de 1926, o presidente da província, D. Félix Pereira de Burcos, Barão de Itapecuru, inseriu uma inovação, desta vez, na romaria tinha um carro alegórico imitando um castelo, enfeitado com bandeiras de nações cristãs e, durante todo o trajeto, era soltos fogos de artifícios para anunciar aos fiéis que a Santa estava passando.

De acordo com Amaral (1998, p.97, *Apud* VIANA, 1904, 49), a imagem foi transportada na véspera daquele dia à noite da ermida para o palácio do governo. Pela iluminação de azeite da cidade, correu-se a multidão que cercava o carro da santa até desembocar no largo da Campina, então sem lâmpadas de arco voltaico, sem o seu belo teatro, sem seus circos e restaurantes e apenas com seu belo cemitério, lúgubre, onde jaziam cadáveres dos infelizes escravos e dos pobres flagelados pela varíola. No dia seguinte, à tarde, com todo o esplendor possível a uma estreia, desfilou do palácio a romaria; na frente, e no couce, marchou toda a tropa da cidade.

Assim, nasceu o Círio de Nazaré, tradição que o povo paraense mantém acesa até os dias de hoje, a qual se perdura a cada ano, conquistando sempre as participações dos fiéis. Isto ocorre porque foram marcados pela fé e pelos gestos de agradecimento.

Em 1943, a *Folha do Norte*, anunciava as mudanças no Círio e, afirmava a fé do povo paraense. Segundo Bonna (1993, p. 24 *Apud* Delcídio Jurandir, Isidoro Alves e o poeta D. Marcos Bartolomeu), os Círios foram realizados, concomitantemente, ao carnaval devoto em seges<sup>13</sup>, serpentinas; as damas em suas redes eram carregadas pelos escravos e habitualmente tinham do seu lado algumas mucamas que serviam de alcoviteiras<sup>14</sup>.

*Quem observa de fora a procissão do Círio de Nazaré, pode identificar nos movimentos de massa que a integra, no vaivém constante, nas modificações, na gestualidade, no clima da festa, de algazarra, no despojamento do*

<sup>13</sup>Seges era um tipo de transporte da época (Bonna, 2001).

<sup>14</sup>Alcoviteira mulher que tenta arranjar relacionamentos, que age como mediadora em relações afetivas.

*sacrifício dado pelo ir descalço na procissão, ou ainda no clima festivo proporcionado pelo arraial<sup>15</sup> durante quinze dias, numa franca experiência próxima ao carnaval, sem, contudo, chegar à inversão total, característica desse outro complexo ritual brasileiro (Alves, 1980, p. 15).*

Ao se referir sobre a expressão do Círio, como carnaval devoto, Alves (1980), relata que no Círio, o mesmo sujeito que representa, é o mesmo que atua com gestos carnavalescos. Ainda conforme o autor, o devoto que participa da festa, com respeito, devoção e louvor pela Santa homenageada, brinda a Santa com música, dança e espetáculo.

Em relação ao início do festejo, do Círio para a Festa de Nazaré, formalmente, começa no segundo domingo de outubro. Entretanto, na véspera desse segundo domingo, realiza-se a primeira das procissões, que ocorre durante a festa comemorativa, ou seja, é a trasladação, por tratar-se de uma procissão, que segue a mesma estrutura do Círio, só que feita à noite e em sentido inverso.

Por volta das 19:30h, a imagem da Santa na berlinda sai em procissão do Colégio Gentil Bittencourt, que fica quase ao lado da Igreja de Nazaré, e se dirige à Igreja Catedral. No dia seguinte, no domingo, na Catedral sai a procissão do Círio com destino à Basílica de Nazaré. Ou seja, a “Santa percorre sempre o mesmo percurso, segundo a tradição de seu modelo primeiro, o trajeto e a representação simbólica da procissão permanecem inalterados” (Alves, 1980).

Nos dias de hoje, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, é realizado em Belém sempre no segundo domingo do mês de outubro. Segundo Bonna (1993), o Círio não tinha data fixa, podia ocorrer no mês de setembro, outubro ou até em novembro. Até que em janeiro de 1886, a Sagrada Congregação dos Ritos marcou para o último domingo de outubro a Festa de Nazaré e só em 1901, o bispo dom Francisco do Rego Maia fixou o segundo domingo de outubro como data oficial do Círio e esta data continua até os dias de hoje.

“A partir de 1854, a romaria passou a ser realizada no período da manhã, devido o período de chuvas que ocorre sempre no período vespertino e noturno, comprometendo fortemente a romaria na cidade” (Bonna, 1993, p. 24). A festividade que homenageia a Virgem de Nazaré tem duração de quinze dias, esse período é chamado de Quadra

---

<sup>15</sup>O «arraial é montado na Praça em frente à Igreja de Nazaré. É um conjunto de barracas, parque de diversões, jogos, pontos de vendas as mais diversas, local para apresentação de danças e música popular, cinemas e teatro (Alves, 1980, p. 15).



Nazarena. Sendo o mês de outubro, um mês de fé para o povo paraense, o Círio é considerado “Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial” pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desde 2004. A Santa, que é a padroeira do povo paraense, é chamada pelos fiéis de “Nazinha”, “Nazica”, “Rainha” e, está presente na vida dos paraenses.

Durante o Círio, a procissão vem seguida com carros alegóricos representando a Sagrada Família, Carros de Plácido, Barca da Guarda, Barca Nova, Carros dos Anjos, Cesto de Promessas, Barca com Velas, Barca Portuguesa, Barco com Remos e Carro com Fuas Roupinho.

De acordo com Alves (1980), o Círio é um conjunto de eventos que combina princípios básicos em suas sequências e desdobramentos, esses princípios básicos são dados pela existência, num mesmo processo ritual, de valores significativos e símbolos representativos dos diferentes grupos que participam do acontecimento, e indicativos de comportamentos, atitudes e ideais opostas, ainda que complementares.

O Círio é um momento de amor, fé, devoção. Movimenta milhares de pessoas há mais de dois séculos, todas com o mesmo objetivo. Para Silva (2016, p. 45), o público do Círio não é constituído apenas por devotos locais da Santa, no período dos festejos, sobretudo no sábado e domingo quando são realizadas as principais procissões, a cidade de Belém recebe uma grande quantidade de fiéis oriunda de diferentes lugares do país e do exterior.

O sincretismo<sup>16</sup> religioso do Círio em Belém, é expressado através da cultura popular do paraense, para mostrar sua devoção à Nossa Senhora de Nazaré, usando a fé, pagando promessas pelas graças alcançadas e renovando pedidos. Há também, a presença de algumas pessoas que, às vezes, convertem-se às religiões evangélicas, mas ainda ficam tocadas pelo Círio, ou que vão apenas olhar, por curiosidade, ou até utilizam o Círio como momento para ganhar dinheiro.

Várias romarias são realizadas, ao todo são 12, dentre elas; pode-se citar: Romaria, Rodoviária, Romaria Fluvial, Moto-Romaria, Trasladação, Círio, Cicloromaria, Romaria da Juventude, Romaria das Crianças, Procissão da Festa e o

---

<sup>16</sup>Sincretismo religioso, junção ou mistura de cultos ou de doutrinas religiosas distintas. Disponível em <http://www.dicio.com.br/sincretismo>

Recírio. O Recírio é o momento que encerra toda a Festividade Nazarena, e o povo paraense se despede da Rainha da Amazônia.

*O Recírio acontece 15 dias após a grande procissão de domingo. A despedida é sempre emocionante entre orações e canções, os fiéis prestam suas últimas homenagens a Nazinha. O público presente leva um lençinho branco para acenarem para a Virgem no término da procissão. O clima de emoção toma conta do local, a fé é estampada em cada rosto, fogos de artifícios são soltos anunciando o final do Círio, o povo já se prepara para a Festa do próximo ano (Pantoja e Maués, 2008, p.64).*

Sempre no mês de outubro, a cidade de Belém ganha outro clima, as ruas, prédios e casas são enfeitados com imagens, flores e frases homenageando a Virgem. O Círio é um fenômeno de massa é considerado o Natal dos Paraenses, sua estrutura organizacional é complexa. A Festa de Nazaré, a organização está a cargo de uma Diretoria composta de 29 membros (nos últimos 2 anos) que se dividem em funções administrativas e em comissões.

*As primeiras são: Presidente, sempre o vigário da Paróquia de Nazaré, um Coordenador, 1º e 2º Secretários, 1º e 2º Tesoureiros e Diretor de Patrimônio. Todos os membros da Diretoria se distribuem em 12 comissões, assim denominadas: do arraial, de procissões, de culto, de divulgação e de relações-públicas, da barraca da Santa, da preparação da berlinda e carros, de instalação dos serviços de som, de organização de programas da festa, de decoração da cidade, de decoração do arraial, de promoção artística, de organização das exposições, as quais pelo leque de atividades cobrem um campo muito amplo e que é aquela referente à própria cidade (Alves, 1980, p 32).*

A escolha da Diretoria da Festa é de responsabilidade do Arcebispo de Belém, é composta por industriais, comerciantes, militares, profissionais liberais e funcionários públicos, são selecionados devendo obedecer a dois critérios: uma história de engajamento na igreja como devoto e serem pessoas de status na sociedade local, profissionais reconhecidos e bem-sucedidos profissionalmente.

É importante frisar que, todos exercem suas funções como voluntários, é um serviço essencialmente cristão onde fica a cargo da Igreja, que define os papéis ocupados pelos voluntários. “Durante a festa a diretoria passa a ter total domínio da praça onde pode arrendar espaço, demarcar áreas, para aqueles que desejarem um espaço para trabalhar com artesanatos, comidas, brinquedos, roupas, bijuterias, vendas de santos, brinquedos de miriti” (Alves, 1980).

Assim, na medida em que, a Direção da Festa responde pela área que ritualmente representa a cidade e para onde convergem as atenções da população durante 15 dias e

noites, a diretoria cria um corpo para atuar compatível com o desejo da manifestação coletiva e com o da própria igreja.

No capítulo dois, será abordada as romarias realizadas, e a diversidade dos grupos que buscam saudar a Virgem durante a quinzena nazarena.



## Capítulo II

### 1 As Romarias

São diversas procissões realizadas na quinzena nazarena no Círio de Nazaré em Belém do Pará, sob a organização da diretoria da festa do Círio, paróquias ligadas a Basílica de Nazaré, sindicatos e pela sociedade civil.

*A maioria dos visitantes eram de pobres, doentes, aflitos ou perseguidos que vinham implorar a Virgem de Nazaré com fervor. Chegavam a pé descalços, ou de joelhos, amortalhados, carregando pesos para unirem o sacrifício a prece. E deixavam no santuário ofertas em sinal de gratidão, como lembrança da graça conseguida.*

*Não faltavam os remediados que, reconhecidos, deixavam ouro, prata, dinheiro, incenso, azeite para as lâmpadas, paramentos, toalhas, quadros.*

*A principal oferta era de artefatos de cera ou de círios. O grande número de círios deu o nome às procissões ou transladações em Portugal e no Pará. Dubois (1953).*

Tal argumento revela que o achado da Santa para o povo paraense, teve como objetivo levá-los a elevar Nossa Senhora de Nazaré, da mesma forma que era cultuada em Portugal e incentivá-los a buscar apelo divino para curar as doenças e as mazelas da época como privações e sofrimento dos mais diversos tipos.

Neste sentido até hoje, as romarias são realizadas para atender aos diversos grupos sociais, por este motivo a diretoria da festa procura durante os quinze dias de Círio realizar diferentes romarias para que toda a sociedade possa externar sua fé e devoção à Nossa Senhora de Nazaré, juntamente com o grupo com o qual se identifica. São realizadas várias romarias dentre elas, pode-se destacar: Traslado para Ananindeua, Romaria Rodoviária, Romaria Fluvial, Moto-Romaria, Cerimônia da Descida da Imagem Original, Trasladação, Círio de Nazaré, Ciclo Romaria, Romaria da Juventude, Romaria das Crianças, Romaria dos Corredores, Procissão da Festa, Missa de Encerramento, Cerimônia do Retorno da Imagem ao Glória e o Recírio. As romarias são uma preparação espiritual para que os fiéis possam se preparar para homenagearem Nossa Senhora de Nazaré.

O traslado para Ananindeua ocorre na sexta-feira que antecede ao Círio de Nazaré, a imagem peregrina é trasladada para os municípios de Ananindeua e Marituba,

tem um percurso de 48,5 quilômetros, que começa ao meio dia e termina às 20:00h. A romaria sai da Basílica Santuário. A imagem fica em um palanque armado em frente à Igreja Matriz, onde passa a noite em vigília. A imagem é levada de volta para a Basílica pelos devotos na romaria rodoviária.

A romaria rodoviária é realizada às vésperas do Círio, a romaria que leva a imagem peregrina da Matriz de Nossa Senhora das Graças, em Ananindeua para o distrito de Icoaraci é precedida de uma missa às 5:00h. Atualmente, essa procissão passou a ser organizada pela Diretoria da Festa, com a colaboração da Polícia Rodoviária Federal, Prefeitura de Ananindeua e outros órgãos. Após a celebração, a imagem é colocada no alto de um carro aberto, com berlinda protegida pela guarda da Santa, para seguir em cortejo até Icoaraci, para que dê início a romaria fluvial.



**Figura 8:** Romaria Rodoviaria. Fonte Agência Pará, 2017.

A romaria fluvial foi criada em 1986, recebe milhares de barcos, lanchas, balsas e outras embarcações, de todos os portos, navegando em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré. A romaria sai do porto do distrito de Icoaraci em direção à Escadinha do Porto, em Belém. De acordo com (BONNA, 1993, pgs. 59-60):

*A proposta desta romaria foi da PARATUR, órgão do governo que cuida do turismo em Belém, a idéia surgiu do seu presidente, historiador Carlos Rocque, e a intenção era turística, mesmo sendo o Pará um pedaço da Amazônia cortada por rios e as embarcações servindo de transporte ao povo, pensaram em organizar uma homenagem dos barqueiros e todos aqueles que se servem das estradas de águas.*

O Círio fluvial é uma homenagem feita pelos ribeirinhos, é o momento onde eles homenageiam a Santa, essa romaria é acompanhada por diversas embarcações como barcas, lanchas e balsas decoradas, tem a participação de outros devotos além dos ribeirinhos.

Segundo Alves (2005, p. 317):

*No Círio fluvial, a imagem da Santa é levada por um navio da Marinha e acompanhada por dezenas de embarcações de grande ou pequeno porte, de certa maneira alude a uma forte relação das manifestações religiosas na Amazônia com as águas e completa com os trajetos invertidos da trasladação e do Círio.*



**Figura 9:** Romaria Fluvial. **Fonte:** Correio Braziliense, 2017.

Após a chegada da romaria fluvial na Escadinha do Cais do Porto, em Belém, os romeiros se integram aos motociclistas que aguardam a imagem para conduzi-la na moto romaria até o Colégio Gentil Bittencourt. Num percurso de 2,6 quilômetros, centenas de motociclistas, ciclistas e outros veículos fazem a escolta da imagem até o colégio.

A Descida da Glória é quando a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré encontrada por Plácido de Souza em 1700, desce do Glória sobre altar-mor da Basílica Santuário para ser colocada no presbitério e possa ser contemplada pelos fiéis que saem de diversas partes do mundo para homenageá-la.



**Figura 10:** Descida da Glória. **Fonte:** Quiririm News, 2016.

A Romaria da Trasladação é realizada na noite que antecede o Círio. Depois da missa realizada às 17:00h no Colégio Bittencourt, os fiéis se dirigem em procissão para a Igreja da Sé, fazendo o mesmo trajeto da procissão do domingo no sentido inverso, na trasladação há apenas a berlinda em destaque, é uma procissão realizada à luz de velas conduzida pelos fiéis.



**Figura 11:** Trasladação do Círio. **Fonte:** Wagner Santana, 2017.

O Círio de Nazaré que acontece no segundo domingo de outubro, é o momento em que os paraenses prestam sua homenagem à Rainha da Amazônia Nossa Senhora de Nazaré. No segundo domingo de outubro às 5:30h ocorre a missa na Catedral da Sé, situada na Cidade Velha. A imagem da Virgem sai da Sé percorrendo cerca de 3.600

Km de distância, para chegar até à Praça Santuário de Nazaré, com a participação de promesseiros, devotos, fiéis e romeiros. É importante frisar, que cada ano o Círio aborda um tema para suas peregrinações, no ano 2017 foi abordado "Maria Estrela da Evangelização", cujo objetivo era mostrar aos fiéis os ensinamentos de Maria, incentivá-los a praticá-los diariamente através de pequenos gestos como afirmação do amor a Deus e ao próximo, renovando a fé e a esperança.



**Figura 12:** Procissão do Círio de Nazaré 2017.  
**Fonte:** Trabalho de Campo, 2017.

O Ciclo Romaria é uma procissão recente, surgiu em 2004, por sugestão da Federação dos Ciclistas do Pará e a Associação dos Ciclistas de Icoaraci. O percurso é definido meses antes do Círio sendo realizado no sábado posterior ao Círio de Nazaré.



**Figura 13:** Ciclo Romaria. **Fonte:** Trabalho de Campo, 2017

A Romaria da Juventude é, geralmente, realizada na tarde do sábado posterior ao Círio. É a vez dos jovens homenagearem à Virgem de Nazaré. A procissão é animada por um trio elétrico. É o momento em que várias comunidades jovens se encontram, fazendo da romaria da juventude uma das mais animadas.



**Figura 14:** Romaria da Juventude. **Fonte:** Trabalho de Campo, 2017.

A Romaria das Crianças ocorre no primeiro domingo após o Círio de Nazaré é a vez das crianças irem às ruas prestarem suas homenagens à Nossa Senhora. Foi criada para fortalecer a devoção mariana entre os pequenos.



**Figura 15:** Romaria das Crianças. **Fonte:** Fundação Nazaré de Comunicação, 2017.

A primeira vez que ocorreu a Romaria dos Corredores foi no ano de 2014, por sugestão de uma comitiva de corredores de rua, essa romaria sai da Praça Santuário é uma das mais novas no calendário oficial do Círio, a romaria dos corredores não tem caráter competitivo e qualquer pessoa pode participar. Durante a procissão, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré segue em um carro, numa baixa velocidade e os romeiros vão acompanhando com uma corrida leve. De acordo com Lopes (2011, p. 158):

*Milhares de motocicletas fazem um barulho ensurdecedor, como forma de recepcionar a santa, ao mesmo tempo em que os motores se aquecem para o começo do cortejo. Esses diversos grupos de motociclistas, espalhados pela avenida em frente às Docas, vestem-se com camisetas estampadas com motivos da festa, de maneira que parecem identificados por uma espécie de uniforme para o evento.*

No momento das romarias os devotos procuram de formas variadas agradecer e louvar, por todos os lados há fiéis contemplando a Virgem de Nazaré e fazem dela uma figura coletiva.

A procissão da Festa é o penúltimo evento das romarias nazarenas do Círio, e a terceira romaria mais antiga, depois do Círio e da Trasladação. A procissão é acompanhada pela diretoria da Festa de Nazaré e das comunidades que fazem parte da Basílica Santuário. Esta romaria é realizada na manhã do segundo domingo após o Círio.

Depois de duas semanas de homenagens à Nossa Senhora de Nazaré, a padroeira do Pará, a Arquidiocese de Belém promove o encerramento do Círio com uma missa, onde são encerradas as atividades da quinzena nazarena.

Retorno da Imagem ao Glória é o momento de despedida da Festividade Nazarena. Milhares de pessoas lotam a Basílica Santuário para acompanhar a emocionante cerimônia de retorno da imagem original ao Glória.

O Recírio é quando a festa do Círio de Nazaré chega ao fim, 15 dias após a procissão do Círio. O percurso é curto, mais é carregado de emoção. Os devotos assistem a uma missa campal na Praça Santuário da Basílica de Nazaré, e em seguida, levam a imagem peregrina para a capela do Colégio Gentil Bittencourt. É o momento em que os fiéis se despedem da Santa, a praça fica lotada e os promesseiros dão o adeus a Santa, acenando com lenço branco, agradecendo e esperando a próxima festa. Para (BONNA, 1993, p. 64), “*é o sentimento de por mais um ano, que move a multidão*

*que acompanha o Círio*”. O Recírio é o último ato da festa, é o anúncio que a festividade nazarena chega ao seu final.



**Figura 16:** Recírio. Fonte Diário Online, 2017.

Para Alves (1980, p. 55), a transladação (grifo nosso) “*é que tanto a entrada como a saída, (recírio) significa o início e o fim da representação ritual, sejam marcados por forte emoção, demonstração de sacrifícios e emergência, em alto grau, de uma ideologia comunitária unificadora*”.

Vale pontuar que do início da primeira procissão a Virgem é retirada do local onde permanece o ano inteiro, só retornando ao mesmo local depois dos quinze dias de festa, ou seja, a Virgem de Nazaré a peregrina é recolhida novamente até o próximo Círio.

## **2 Os símbolos da Festa do Círio de Nazaré**

Atualmente, o trajeto e a representação simbólica da procissão não se modificaram. A devoção a Nossa Senhora faz com que o Círio de Belém, seja uma das maiores romarias católicas existentes no Brasil. A fé do povo manifesta-se de diversas formas, os símbolos que representam o círio são os instrumentos que mostram a grande devoção pela Nossa Senhora, eles estão representados pela imagem original, imagem peregrina, manto, berlinda, corda, cartaz, ex-votos, e outros ícones que promovem um significado religioso diferenciado à festa, dando a romaria uma identidade regional, amazônica e paraense.

“Os símbolos, na estrutura mais simples, são coisas - objetos, imagens, sons, ações, gestos, ditos e praticamente qualquer outro meio de expressão- que ‘significam’



algo, que têm um sentido”. O sentido é aquilo que o símbolo ‘representa’, o fenômeno do qual ele é uma representação ou um substituto. (Eller, 2018, p. 97).

Sobre símbolos Geertz (2008),

*A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens por meio da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. Portanto, o homem vive em um universo simbólico, a linguagem, a arte, a religião, tudo isso faz parte desse universo (Geertz, 2008, p. 67).*

Os símbolos são carregados de poderes, e estão diretamente envolvidos com o processo social, ou seja, estão inseridos dentro de um determinado contexto. O poder do símbolo é mais importante do que seu sentido, pois atua como representante de seres religiosos e de forças religiosas, conforme a análise a seguir.

A imagem original permanece na Glória, no altar, durante o ano inteiro, dentro da Basílica de Nazaré, só desce no Círio, é tida como a Santa original encontrada por Plácido. Chamada de imagem “autêntica” ou “imagem do achado”, tem 28 cm de altura, cabelos caídos sobre o ombro direito, e carrega ao colo o Menino Jesus despido com um globo nas mãos. Aos pés da Virgem, há a cabeça alada de um anjo que é o símbolo iconográfico da glória celestial.

A imagem autêntica fica em redoma de cristal no altar-mor, o Glória entre anjos, nuvens e um belo esplendor de raios. De lá ela só é retirada uma vez no ano, numa cerimônia conhecida como a “Descida da Imagem” ou “Descida da Glória”, que ocorre na véspera do círio. Após a descida do Glória, durante toda a quinzena da festa, a imagem fica num nicho instalado no presbitério, mais perto dos devotos. Ela é coberta por um manto canônico, trabalhado com fios e enfeites de ouro. Segundo o DOSSIÊ IPHAN 1<sup>17</sup> (Círio de Nazaré, 2006, p. 71) “a ligação simbólica dos devotos com Deus se faz, principalmente via imagem de Nossa Senhora de Nazaré e não via clero, fenômeno comum no catolicismo popular brasileiro”. Tanta a imagem original, como a peregrina, são o principal símbolo de fé, devoção e tradição existente no Círio de Nazaré.

Sobre a Santa a Sra. Maria do Socorro Silva Souza, 56 anos comenta:

---

<sup>17</sup> DOSSIÊ IPHAN 1. Publicação do IPHAN que registra o Círio de Nazaré como bem de patrimônio imaterial cultural brasileiro.

*Acompanho o Círio há trinta anos sempre carregando a mesma Santa, já recebi muitas graças, venho pedir e agradecer, sou paraense tenho muita fé na Santa.*

A corda é um dos elementos mais marcantes do Círio de Nazaré, foi utilizada pela primeira vez na procissão de 1855.

Segundo (Bonna, 1983),

*Na corda, unem-se doutores e estudantes, patrões e empregados, ricos e pobres, pretos e brancos. Na corda não há discriminação todos são iguais. No momento da corda do Círio realiza-se o sonho de Jesus: que todos sejamos um em comum unidade com ele. A corda tem o aspecto simbólico de sacrifício, pois os romeiros se aglomeram segurando a corda no decorrer da procissão até chegar ao seu destino final (Bonna, p. 39).*

Atualmente, ocorrem mudanças no seu formato e, nos últimos anos, a corda tem sido cortada antes de a procissão chegar à Basílica, o que provoca nos romeiros uma série de reclamações. Antônio Bestene, 40 anos, que trabalha na Igreja da Sé como voluntário, comentou sobre a corda: “na corda, cada pessoa significa uma conta do terço, onde é transmitido fé, amor, esperança e renovação”.



**Figura 17.** A Corda no Círio de Nazaré. Fonte: Diário Online, 2017.

Para Larissa Latif (2014, p. 45), “o promesseiro compreende o corte prematuro como um ‘sequestro de sentido’. Recobre, então, a corda cortada de um significado novo: se já não é a força que levará Nossa Senhora de volta à sua casa, é algo que a ela foi tirado, a força do seu povo, que a ela deve ser restituída”.

Prosseguir até o final do percurso torna-se o objetivo do promesseiro e, a ação que o move é a fé. Assim, a corda é o símbolo do esforço do romeiro que com muita luta conseguiu segurá-la até o destino final que é a Basílica de Nazaré, buscando

proteger o espaço sagrado que é o local onde a berlinda é conduzida durante a procissão. E, ao mesmo tempo, busca retribuir pelos milagres alcançados como a cura de uma doença, a casa própria, o seu barco para realização dos trabalhos de pescaria, ou passar em concurso ou vestibular, ou, pelo simples desejo e graça de participar deste ato de fé.

A Sra. Maria das Graças Miranda, 58 narra com muito orgulho as histórias:

*Vim de Cametá, município de Belém e há 20 anos assisto ao Círio, não consegui este ano pegar na corda, pois tinha muita gente e estava um sufoco. Pago pela cura do meu filho, pois quando ele tinha 3 anos, teve um problema no rosto e teve de fazer uma cirurgia delicada, na sala de cirurgia teve uma “parada” e eu me apeguei com Nossa Senhora de Nazaré, meu filho ficou bom e há 23 anos venho descalça. Sai de Cametá e para participar da trasladação. Hoje estou emocionada por ter visto Nossa Senhora de perto. Vim agradecer e pedir, estou pedindo ajuda para Nossa Senhora curar a minha cunhada que está com câncer no fígado e está desenganada pelos médicos a minha cunhada é muito nova só tem 28 anos acredito que Nossa Senhora vai fazer essa cura, eu tenho fé.*

Para Maués (1995), “a corda tem vários simbolismos, significa o lugar da promessa e do sacrifício, demarca o espaço ritual onde a santa desfila, significa o espaço entre o sagrado e o profano, entre o poder e o não poder”. A fala de Maués mostra que o uso da corda também reflete a estrutura de poder existente na sociedade brasileira, pois ela vai demarcar limites, hoje a corda é usada para separar a berlinda, as autoridades eclesiásticas, políticos, artistas, o povo segue de fora enfrentando atropelos, empurrões, calor, evidenciando uma total separação de classes.

O manto é um adorno que cobre a imagem da Santa, é bordado a mão, confeccionado por profissionais e cada ano uma pessoa influente da cidade é responsável por custear sua confecção e sua identidade é preservada. Não há um consenso entre os pesquisadores sobre a existência de um manto envolvendo a imagem original no momento do achado. Ao longo dos anos, a apresentação do manto utilizado nas procissões do Círio passou a ser um momento importante no calendário oficial da festa.

Para o Sr. Paulo Nunes o manto é:

*Uma vestimenta de uma rainha que é Nossa Senhora de Nazaré, Maria que é mãe de Jesus. O manto é doado por famílias ou por casal. Os casais que doam o manto ficam no anonimato, para evitar promoção em cima do nome da pessoa, pois o manto sai muito caro e isto pode ser entendido como ostentação.*

A berlinda de Nossa Senhora de Nazaré, começou a ser utilizada no Círio a partir de 1882, por sugestão do Bispo Dom Macêdo Costa. Até então, a imagem era conduzida no colo pelo capelão do palácio do governo, como era a tradição desde o primeiro Círio, em um palanquim, uma espécie de liteira fechada presa a um varal levado no ombro por quatro ou seis homens, veículo comumente utilizado à época por pessoas abastadas e autoridades. De acordo com (IPHAN, 2006, p. 31), “no Círio o elemento central é a berlinda, um andor envidraçado, profusamente, adornada de flores, na qual é transportada a réplica da imagem da santa”.

Sobre a berlinda o Sr. Paulo Nunes cita: *“as flores que adornam a berlinda da Santa são escolhidas de acordo com a cor do manto, quem escolhe as cores é a diretoria da festa”*

O cartaz do Círio é um símbolo utilizado pelos devotos e são produzidos para distribuição à população, que tem por hábito afixar nas portas de suas casas, como uma homenagem daquele lar à padroeira. É utilizado como publicidade de fé para propagar a festa. É utilizado desde 1826.

Os ex-votos são elementos levados pelos devotos como sinal de agradecimento pelas graças recebidas de Nossa Senhora. Os mais comuns são os objetos em cera como velas normais ou de metro e partes do corpo, além de tijolos, miniaturas de barcos, casas, carros e réplicas da berlinda e de imagens de Nossa Senhora de Nazaré. Os ex-votos são depositados nos carros dos milagres ou mesmo em um local especialmente destinados a eles na própria Basílica ou no Barracão dos Milagres e outros mais inusitados são encaminhados para o Museu do Círio e o Espaço Memória de Nazaré. Segundo (PANTOJA e MAUÉS, 2008, p. 62) “os ex-votos são muito usados para simbolizar a obtenção ou o pedido de uma graça alcançada”.



**Figura 18:** Ex-votos. **Fonte:** Pesquisa de Campo, 2017.

Sobre ex-votos a Sra. Edna Santos Torres, 70 conta:

*Moro em Belém, participei do círio espiando a passagem da Santa, vim pagar uma promessa trouxe um joelho e fui deixar na Basílica, estava doente do joelho, aproveitei e vim na Casa de Plácido, me fizeram uma massagem vai aproveitei para almoçar. Para mim pegar na corda é uma promessa bem feita, tem que ter muita fé, porque nessa idade o corpo já está fraco tem muita gente na procissão é difícil chegar na corda.*

Para (Montarroyos, 1993, p. 191), os ex-votos “representa os que foram curados por intercessão da Virgem. As pessoas depositam no carro pernas, braços e cabeças de cera representando a parte que foi curada”. Outros deixam no carro réplicas de barcos, casas, vestidos de noiva, apostilas, como pagamento por graças alcançadas.

O carro dos milagres segundo Maués (1995, p. 447 apud Rocque, 1981, 42) “trata-se provavelmente da alegoria mais antiga do Círio de Belém, tendo sido introduzido no préstito de 1805, por recomendação da rainha de Portugal, dona Maria I, para lembrar o “primeiro milagre autêntico” da Virgem, envolvendo o fidalgo dom Fuas Roupinho”.

Podemos notar que o Círio teve grande influência de Portugal, com a colonização os europeus trouxeram a sua formação religiosa com o intuito de realizarem uma conquista das terras aliadas a uma conquista espiritual, as festas religiosas de uma forma ou de outra interferiram no modelo de vida de nossa sociedade, onde se solidificou e estruturou as regras de organização da vida coletiva, ou seja, fica visível

que desde seu início estava a serviço do poder tanto do Estado quanto da Igreja com o objetivo de abarcar hierarquicamente os variados grupos que viviam na região do Pará.

“Vós sois o Lírio Mimoso” é considerado o hino oficial do Círio de Nazaré. Foi composto em 1909, pelo poeta maranhense Euclides Faria, por ocasião da pedra fundamental da nova Igreja de Nossa Senhora de Nazaré – a atual e majestosa Basílica. O hino acabou-se transformando no canto oficial da Santa (ROCQUE, 1981, págs. 15 - 16). Versos do hino cantado durante o trajeto da procissão do Círio.

*Ó Virgem-Mãe amorosa,  
Fonte de amor e de fé,  
Dai-nos a bênção, bondosa,  
Senhora de Nazaré.  
Vós sois o lírio mimoso  
Do mais suave perfume,  
Que, ao lado do santo esposo,  
A castidade resume.  
De vossos olhos o pranto  
É como gota d'orvalho,  
Que dá frescura e encanto,  
A flor pendente do galho.  
Se, em vossos lábios divinos,  
Um doce riso desponta,  
Nos esplêndidos hinos  
Nossa alma ao céu se remota.  
Vós sois a flor da inocência,  
Que vossa vida embalsama,  
Com suavíssima essência,  
Que sobre nós se derrama.  
Quando na vida sofremos  
A mais atroz amargura,  
De nossas mãos recebemos  
A confortável doçura.  
Vós sois a vidente Aurora  
De divinais esplendores  
Que a luz da fé avigora  
Na alma dos pecadores.  
Quando em suspiro e áis  
Sentimos a vida morta,  
Nestas angústias finais  
O vosso amor nos conforta.  
O vosso amor nos conforta.  
Sede bendita, Senhora,  
Farol de eterna bonança,  
Nos altos céus, onde mora  
A luz de nossa esperança.  
E lá de celeste altura,  
No vosso trono de luz.  
Dai-nos a paz e ventura,*

### **3 Tradições do Círio: almoço e os brinquedos de miriti**

O Almoço do Círio, é um momento importante, ocorre logo após a passagem da santa. No almoço do Círio a identidade do povo paraense fica clara, a alimentação neste dia está voltada apenas para o consumo de pratos típicos da culinária local o alimento a ser consumido recebe um tratamento especial, pois sua preparação demanda tempo e cuidado para que seja eliminado o ácido cianídrico<sup>18</sup> presente em alguns alimentos. Os alimentos mais consumidos são pato no tucupi, maniçoba, vatapá, açai, creme e vinho de cupuaçu, creme e vinho de bacuri, entre outros.

O tucupi é um líquido amarelo de gosto ácido retirado da raiz da mandioca brava. Antes de ser consumido, precisa ser cozido durante vários dias, já que cru é venenosa. O jambu é uma folha utilizada na gastronomia paraense, é especial por dá sensação anestésica na boca e formigamento nos lábios, é usada no pato no tucupi, no tacacá e, em bebidas alcoólicas.

O tacacá tem origem indígena é preparado com tucupi, goma da tapioca, camarão seco e jambu. É servido bem quente e numa cuia. A maniçoba lembra uma feijoada, só que seu ingrediente principal é a folha da maniva (mandioca) triturada que precisa ser fervida por uma semana para que seu veneno seja retirado, é preparado com carne suína e outros ingredientes defumados. O açai é consumido acompanhado de peixe frito ou camarão e farinha d'água. O vatapá é feito de caldo de camarão e engrossado com farinha de trigo.

Segundo Rocque (1981, p. 12):

*Todas as iguarias são feitas na véspera do grande dia, assim, no sábado à noite, o tucupi (sumo da mandioca) é fervido com sal, chicória, alho e algumas pimentas-de-cheiro, recebe o jambu (herbácea de sabor travoso) já cozido, e o pato com leitão assado. O arroz branco temperado somente com sal, também é cozido e escorrido.*

É o momento em que as famílias fazem questão de estarem unidas para celebrarem as graças alcançadas, as recompensas, e fortalecer as relações. É o momento de grande confraternização entre a sociedade belenense e há troca de dádivas, parentes que moram em outros municípios ou em outros estados brasileiros levam para o almoço

---

<sup>18</sup> Ácido cianídrico. É um ácido fraco de fórmula HCN, apresenta um cheiro de amêndoas amargas é muito tóxica é encontrado na folha da mandioca e no caroço de algumas frutas.

do Círio ou o pato, ou o jambu, ou a folha da maniçoba pré-cozida, pimenta, em troca conseguem instalações para ficarem em casa de parentes ou amigos enquanto dura o Círio de Nazaré, outros só assistem a procissão e participam do almoço do Círio, outros só participam do almoço nessa situação há trocas que se fazem sob a forma de presentes, em teoria, voluntários, na verdade, obrigatoriamente, dados e retribuídos.

Conforme Castro (2016, p. 82, apud MAUSS, 2003, p. 190), “o hábito de levar algo para o almoço no dia do Círio é uma honra, é um momento de partilha. No ritual do almoço do Círio, a partilha dos alimentos é bem evidenciada, e os conflitos também”. Percebe-se uma grande aproximação entre religião, festa e comida que propícia ao almoço do Círio de Nazaré trocas e dádivas, entre amigos, vizinhos, parentes de acordo com a condição financeira, social e política de quem está oferecendo o almoço.

De acordo com Maués (2016):

*O almoço do Círio trata-se de um ritual dentro de outro ritual, representando momento de confraternização entre famílias. Portanto, esse ritual doméstico se torna quase obrigatório, ocasião de marcar a identidade paraense, invocando a “fábula das três raças”, representadas na origem dos alimentos rituais tradicionais que são: o pato no tucupi (indígena), a maniçoba (africana) e o bacalhau (português).*



**Figura 19:** Almoço do Círio de Nazaré. Fonte: Dicas de Brocas 2017

O almoço é um elemento importante no Círio e essencial na festa e expressa fortemente a identidade regional. O almoço do domingo do Círio é momento onde o fiel que foi ao Círio vai repor suas energias após a longa caminhada seguindo a Santa. É onde ocorrem reuniões com a família, amigos, parentes que moram longe e vem



acompanhar o Círio, o almoço é especial e marcado pela fartura, como agradecimento a Santa pelas bênçãos recebidas durante o ano.

Na festa do Círio, os brinquedos de miriti chamam a atenção, o colorido e a criatividade desse artesanato são vistos representam a cultura local, e ganham destaque por expressar o imaginário local. Os artesãos oriundos, especialmente, do município de Abaetetuba, confeccionam e vendem brinquedos de miriti nas feiras e ruas no período da festa. Estão elencados como elementos tradicionais do Círio, são confeccionados com fibra de palmeira de buriti. Os brinquedos de miriti são transformados em barcos, bonecos, cobras, aviões, pássaros e outros elementos, são vendidos nas ruas, mas não há relatos sobre sua introdução no Círio.

A Feira do Miriti está incorporada ao Círio, tornou-se um evento essencial no período da quadra nazarena, durante toda a festa os brinquedos são vendidos pelas ruas, no arraial, em frente à Basílica e nas praças.

A maioria dos artesãos que confeccionam os brinquedos de miriti, possuem algum tipo de ligação com o brinquedo, muitos pagam suas promessas alcançadas levando uma das representações que cria para ofertar a Santa. Além de conseguirem vender seu trabalho ficam perto de sua Santa de devoção.

Os brinquedos de miriti são simples e bem coloridos, na maioria das vezes são confeccionados pelas próprias famílias dos artesãos, tudo é feito de forma artesanal seguindo uma técnica passada através de várias gerações, a venda dos brinquedos na maioria das vezes é responsável pelo sustento de muitos artesãos.



**Figura 20:** Brinquedos de Miriti. **Fonte:** Pesquisa de Campo 2017.

Assim, faz-se necessário entender que a Festa do Círio vem cercada de eventos ritualísticos com a combinação dos mesmos elementos, criando uma comunicação convencional e promovendo uma interação entre as pessoas que estabelece um equilíbrio onde cada um ocupa sua posição social procurando respeitar seus compromissos e suas obrigações ora há outros rituais criativos, libertadores, resistentes e até revolucionários. Entre os participantes da festa, há um vocabulário de ações que somente os promesseiros dominam e que selecionam para construir interações entre eles.

Os rituais existentes são resultantes da junção de vários gêneros e códigos disponíveis. Dessa forma, serão abordados no capítulo três os rituais e seu caráter comunicativo, apesar dos rituais religiosos possuírem qualidades comuns, existe uma grande diversidade entre eles tanto no que diz respeito a sua estrutura quanto a sua função.

### **Capítulo III**

#### **1 Rituais do Círio e seu Carácter Comunicativo**

A Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, é uma celebração carregada de rituais que demonstram devoção religiosa e expressões culturais diversas. A ritualização está presente nessa maior procissão católica realizada no Brasil, onderomeiros participam de rituais sagrados como, por exemplo, a trasladação, as romarias, a procissão e até outros cortejos que saem às ruas durante o período do Círio que são realizadas paralelamente à programação da Igreja como o Auto do Círio, o Arraial da Pavulagem, a Festa da Chiquita, entre outros.

A intenção desse capítulo é compreender alguns dos rituais religiosos presentes na Festa do Círio de Nazaré e, como estes exercem seu carácter comunicativo com todos os segmentos da sociedade que participam da festa.

O ritual como comunicação e ação social não é exclusivo da religião, mas surte efeito em boa parte da vida humana nos rituais. Isso torna-se evidente durante o evento, quando diversos setores das classes sociais interagem entre si por meio dos códigos linguísticos durante os rituais. Em última análise, a interação dos rituais pode ser por meio da transmissão de informações, que podem estabelecer ou manter, influenciar ou romper os paradigmas sociais do não humano, como sobre-humano e humano (Eller, 2018, p.72).

Entretanto, o humano pode interagir, ritualmente, com o sobre-humano, precisamente, porque o ritual é a maneira que leva o homem a ter contato com as forças sobrenaturais, com e sem interação física entre si. De acordo com as pesquisas realizadas de cunho antropológico, os rituais não são exclusividade de fenômenos religiosos (Eller, 2018; Eliade; 1992).

No mesmo contexto, pode haver um ritual que tenha pouco ou nenhum conteúdo ou significado religioso, podendo o mesmo ser realizado por meio de interação social que, muitas vezes, podem romper paradigmas nas relações sociais com o sobre-humano, com o não humano e humano. Consequentemente, o ritual religioso pode acarretar muitas ações de cunho linguístico, tais como danças, quietude, silêncio, pinturas corporais, objetos sagrados e comidas típicas entre outros.

Definir o que é ritual, no cunho da religião e da cultura, em geral, para os antropólogos que estudaram o assunto de forma intensa, é passível de várias definições,

porque quando se pensa na palavra ritual, ela vem associada à prática de magia ou bruxaria, ou vem imbuída de cunho religioso ou esotérico que tem como objetivo estabelecer contato entre seres humanos por meio de forças divinas ou através de seres sobrenaturais.

O termo ritual também pode ser empregado para designar práticas que não tenham nenhum envolvimento místico, pode ser usada como comportamento padronizado que não presume a existência de seres espirituais. Nessa categoria de ritual, encontram-se cerimônias de casamento civil, rituais de nascimento e outros. Ritual é definido de várias maneiras por diferentes antropólogos, dentre os quais destacam-se as seguintes:

Um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica. É constituído por sequências padronizadas e ordenadas de palavras e atos, muitas vezes, expressos através de múltiplos meios de comunicação, cujo conteúdo e arranjo se caracterizam em grau variado por formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condenação (fusão) e redundância (repetição) (Eller, 2018, p 173 *Apud* TAMBIAH, 1979, p. 119).

De acordo com Eller (2018, p. 173 *apud* LEACH, 1966, p. 403), o comportamento que faz parte de um sistema de sinalização que serve para transmitir informações, não por causa de algum elo mecânico entre meios e fins, mas por causa de um código de comunicação definido culturalmente. O comportamento é potente em si mesmo, sob o aspecto das convenções culturais do ator, mas não potente num sentido racional-técnico ou, alternativamente, comportamento é orientado para evocar a potência de forças ocultas, ainda que não se presuma que seja potente em si mesmo.

Segundo Eller (2018, p. 173 *apud* TURNER 1967, p.19), o comportamento formal prescrito para ocasiões não destinadas à rotina tecnológica, que tem relação com a crença em seres ou poderes místicos. O símbolo é a menor unidade do ritual: é a unidade última de estrutura específica em um contexto ritual, ou seja, os rituais fazem parte do universo simbólico na organização das sociedades humanas. Apesar de que as definições sejam diferentes, possuem algo em comum para os antropólogos, uma vez que os rituais são descritos como ação, comunicação e padronização, e se diferenciam: em rituais causais que ocorrem continuamente na vida social humana (o aperto de mão, quando dizemos “como vai?”). Os rituais especializados pertencem a ocasiões especiais (prestar juramento, maneira de ficar de pé, de falar).

Os rituais religiosos normais tendem a aumentar a formalidade e estereotipia, já que pela primeira vez no *continuum*<sup>19</sup> ritual estão participando agentes não-humanos e sobre humanos. Destes seres superiores é preciso aproximar-se com mais respeito e cautela, embora nem todas as religiões ou ocasiões religiosas sejam necessariamente solenes. Em alguns casos, humor e até sarcasmo ou desrespeito intencional são propositais uma vez que nem todos os espíritos desaprovam essas atitudes.

Além disso, “embora certo grau de repetição siga padrões em rituais religiosos, já vimos que existe também certo grau de liberdade e criatividade na maneira como as fórmulas são reunidas e distribuídas”, até os rituais religiosos podem permitir algum desvio, invenção ou interpretação (Eller, 2018 p. 179).

Assim, pode-se afirmar que o ritual é regido por normas, e o importante é o que fazemos, muitas vezes, damos continuidade aos rituais porque aprendemos com a cultura em que estamos inseridos ou porque é nosso dever ou porque temos recompensas. Enfim, é uma atividade que comunicamos sem informações, somos preparados para executar ações, e os rituais são organizados em tipologias de acordo com suas funções que podem ser comemorativos, de salvação, ideológico entre outras.

O Círio de Nazaré “é um complexo ritual, isto é, um conjunto de eventos que combina princípios básicos em suas sequências e desdobramentos. Esses princípios são dados pela existência, num mesmo processo ritual, de valores significativos e simbólicos representativos dos diferentes grupos que participam do acontecimento e indicativos de comportamentos, atitudes e ideais opostos, ainda que complementares” (ALVES, 1980, p. 101). Diferentes grupos utilizam os mesmos rituais e símbolos para realizarem suas manifestações com os mesmos objetivos que os grupos de religiosos.

Para Alves (1980, p. 21), “ao articular elementos simbólicos, os eventos rituais são propícios à interpretação, à comunicação e à transformação”. O Círio é composto de vários rituais, neste trabalho será abordado apenas a festa o ciclo de procissões a corda e o almoço, por serem eventos rituais que estão diretamente ligados às festas religiosas neste caso ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Segundo Alves (1980), a festa é cercada de rituais porque se colocam em destaque a ordem, o respeito e a sacralização. Assume o poderoso papel de criar uma identidade regional, pois vai ser identificada como «a festa dos paraenses», onde vai

---

<sup>19</sup> Continuum. Série de muitos elementos em sequência em que cada um quase não difere do que lhe segue.

mobilizar no seu interior símbolos utilizados pela sociedade local como a Santa padroeira Nossa Senhora de Nazaré, uma cozinha regional com pratos típicos da gastronomia paraense.

A Festa vai reunir diferentes grupos sociais onde é, capaz de conciliar os diferentes conflitos através da mobilização, mesmo que sejam grupos que não aspiram a sacralização. Faz com que os participantes do ritual busquem estar presentes em todos os momentos, desde os mais sacros até os muitos cortejos que saem às ruas como: Arraial da Pavulagem, O Auto do Círio. Para Alves (1980, p. 103), *a conjugação entre essas diferentes disposições é que dá à festa da Santa uma dimensão peculiar, pois permite uma combinação entre opostos, um clima de conciliação no qual a padroeira é por excelência o símbolo aglutinador.*

A eficácia do ritual da festa vai equilibrar as divergências, pois todos estão voltados para a Santa, assim procuram aproveitar o espaço sacralizado e a festa.

O ciclo de procissões de acordo com Alves (1980, p. 55):

*É marcado por uma entrada e uma saída da Santa onde se dará a «performance ritual». Ou seja, ao deixar o seu lugar de veneração ela se deixa «contaminar» pela proximidade e essa «contaminação» significa um preço social muito grande expresso no sacrifício imposto às pessoas pela possibilidade de uma maior proximidade ao sagrado.*

Ou seja, na primeira procissão que é a trasladação a Santa deixa o local onde fica o ano inteiro recolhida, e permanece durante quinze dias recebendo homenagens, deslocando-se para vários lugares para ser homenageado. No Recírio ela é recolhida para seu local de origem permanecendo um ano recolhida. O sagrado e o profano são separados, a entrada e a saída da Santa é um ritual marcado por emoções, por sacrifícios, por manifestações diversas.

Sobre o ritual do almoço do Círio, recorri a Maués porque ele vai abordar este evento como um ritual de sacrifício que só ocorre no meio religioso, e por ser um tema relevante, onde mostra que o celebrante não tem noção que está praticando um ritual de sacrifício no Almoço do Círio.

Para Maués (2016, p. 223), “não há religião sem festa, nem festa sem comida de festa. A comida da festa por sua vez, implica em sacrifício, de várias formas”. Para Maués o almoço do Círio pode ser visto como um ritual de sacrifício e ao mesmo tempo como um banquete de confraternização onde há uma espécie de comunhão entre familiares, amigos e convidados sendo o sagrado representado pela figura de Maria de

Nazaré, a santa cuja imagem terminou naquela manhã a sua peregrinação pelas ruas da cidade.

Para Mauss e Hubert, (2005, p. 26):

*O sacrifício é um ato religioso que só pode se efetuar num meio religioso e por intermédio de agentes essencialmente religiosos. Ora, antes da cerimônia, em geral, nem o sacrificante, nem o sacrificador, nem o lugar, nem os instrumentos nem a vítima têm esse caráter ao grau que convém. Assim, a primeira fase do sacrifício tem por objeto conferir-lhes esse caráter. Eles são profanos, e é preciso que mudem de estado. Para tanto, são necessários ritos que os introduzam no mundo sagrado e ali os comprometam mais ou menos profundamente, conforme a importância do papel que desempenharão a seguir. É isso que constitui, segundo a expressão mesma dos textos sânscritos, a entrada no sacrifício.*

Mauss e Hubert (2003), reforçam que embora a pessoa pratique o ato de sacrifício, ela pode mudar desde que realize rituais sagrados e se comprometa a cumprir de forma satisfatória seu papel frente ao que está sendo sacrificado. Para Maués as donas de casa ao receberem em suas casas a Santa peregrina de Nossa Senhora de Nazaré para realizarem o terço e permitirem a presença da Santa para pernoitarem em suas casas o local é abençoado pela Santa, assim as devotas passam por uma forma de purificação. Assim as donas de casa purificadas se preparam para realizar o ritual do almoço do Círio.

O ritual do almoço é imbuído de sacrifícios porque há o abate de animais como o pato o peru o frango, o porco que serão oferecidos como sacrifício no Almoço do Círio.

## **2 Relação entre o sagrado e o profano**

O calendário oficial elaborado pela Organização do Círio de Nazaré, cita em sua programação da quinzena nazarena os eventos sagrados, que são voltados para a realização extremamente de cunho religiosos, como as missas, as romarias, as liturgias, as novenas. A Festa por ser uma manifestação popular, paulatinamente foi sendo inseridas comemorações paralelas, que são citadas como profanas.

Desde o período colonial, muitas festas brasileiras convivem diretamente com o sagrado e o profano, pois ambas se estabelecem pelas atitudes dos homens perante o espaço, coisas, tempos, pessoas e através de suas atitudes e ritualizações. Mircea Eliade em seu livro, *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões* (1992, p. 17) propõe que “há portanto um espaço sagrado, e por conseqüência “forte”, significativo, e há

outros espaços não sagrados e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma amorfos”. O sagrado e o profano são duas modalidades oposta de ser, de viver e de está no mundo cabe ao homem assumir suas escolhas, cabe ressaltar que mesmo em um espaço profano há valores de experiência religiosa que são internalizados pelo homem, independente se tem religiosidade ou não.

Para Mircea Eliade (1992), o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra absolutamente diferente do profano. Vale pontuar, que desde a mais tenra idade, somos levados a participar de espaços sagrados, estes nos são apresentados, e os espaços profanos aos poucos vamos descobrindo, muitas vezes sem ter consciência do que é sagrado e do que é profano.

Apesar do número crescente de eventos interligando o mundo simbólico cristão e o profano há lugares sagrado no universo privado de todos os que participam da grande festa.

Para Frugoli e Bueno (2014, p. 151):

*Com o passar dos anos, apesar de todos os acréscimos que foram incorporados nas manifestações do Círio, não se alterou o fervor da devoção e as dimensões profanas que a tradição popular consagrou guardando a mesma função agregadora e identitária. A mobilização da comunidade através das atividades tanto devocionais quanto de confraternização reafirmam o sentimento de comunhão que nutre, desenvolve e amplia os vínculos sociais.*

É importante observar que nas dimensões sagradas e profanas o povo paraense procura de todas as formas reviver e reacender a fé na Virgem de Nazaré, procurando cada vez mais buscar uma intimidade respeitosa cercada de carinho, onde a “Nazinha” como é chamada a Virgem é tida como mãe, protetora, bondosa que merece ser contemplada com todas as formas de manifestações.

O conjunto de eventos sejam eles sagrados ou profanos, promovem o sentimento de pertencimento, há uma cumplicidade entre as pessoas o que motiva fortalecimento nos grupos e ao mesmo tempo promove a inclusão dos que são tidos como “dessacralizados”.

### **3 Festas Populares**

Durante a quinzena nazarena, várias atividades culturais são realizadas e os eventos estão indiretamente ligados, ou não, ao Círio de Nazaré. As festividades têm uma grande participação da população local, uns são realizados pela diretoria da festa, e



outros são realizados pela própria comunidade. Sobre as festividades, Alves (1980, p. 14) afirma que o Círio e a Festa de Nazaré são importantes manifestações do corpo social, pois, ao mesmo tempo, que revelam um sistema hierarquizado, que caracteriza o sistema social, permitem uma investigação das relações sociais consagradas na performance do ritual. Além de indicarem caminhos para uma investigação entre os diversos campos de poder, através da dimensão ideológica e simbólica.

A Festa de Nazaré tem dois discursos, para a diretoria que é responsável pela festa e comandada por uma autoridade religiosa, ou a quem ela delega poderes. As atividades de cunho religioso são submetidas aos rigores litúrgicos, as regras são ditadas e impostas por uma autoridade eclesiástica que pertença à Basílica são elas; o arraial com o parque de diversão, as barracas de comidas típicas, venda de artesanato local, *shows* com cantores de músicas religiosas. Em paralelo, existem as festas populares que têm um cunho devocional, mas, não possuem relação com a Igreja, o Auto do Círio, o Arrastão do Círio e a Festa da Chiquita (ALVES, 1980, p. 15).

De acordo com Brígida (2008, p. 36):

*O Auto do Círio surgiu em 1993, na Universidade Federal do Pará, produzido e dirigido pelo Instituto de Ciências das Artes através da Escola de Teatro e Dança, com o objetivo de criar um espetáculo em que os artistas de Belém pudessem homenagear a sua padroeira durante a sua maior festa popular e, assim, reinterpretar através do teatro de rua o Círio de Nazaré, uma das mais importantes manifestações religiosas e culturais do país.*

É importante frisar que, a cada ano, o Auto do Círio vai para a rua abordando um tema em consonância com as ações da Universidade e com o cortejo em homenagem à Santa (Figura 20). Os artistas prestam suas homenagens à padroeira e, ao mesmo tempo, praticam a arte do teatro na rua.



**Figura 21:** Auto do Círio. **Foto:** Alexandre Moraes 2017.

O Auto do Círio foi registrado em 2004 pelo IPHAN, como bem imaterial da Cultura Brasileira integrada ao ciclo da Festa do Círio de Nazaré. Miguel Brígida (2008, p. 38):

*É como prática etnocenológica que destacamos o espetáculo e, em especial, a importância das matrizes dramática, religiosa e carnavalesca na sua encenação a céu aberto, em suas distinções e interfaces. Elas se distinguem em seus códigos, simbologias próprias e autônomas observados na matriz dramática enquanto auto popular, na matriz religiosa enquanto procissão e na matriz carnavalesca enquanto desfile de escola de samba, que num movimento de interface se encontram em suas estruturas espetaculares de rituais urbanos coletivos.*

O Auto do Círio dialoga com seu público através do drama, da fé e do carnaval, busca utilizar várias formas de expressão, procura através das artes cênicas homenagear Nossa Senhora de Nazaré comungando o fervor e a devoção ao Círio com o espírito da Festa de Nazaré e a orgia carnavalesca.

O Arrastão do Círio, que é um cortejo realizado pelo Instituto Arraial do Pavulagem, acontece às vésperas do Círio de Nazaré, percorre o centro histórico de Belém. Fazem homenagem à padroeira dos paraenses, com a participação de um cortejo para celebrar a rica cultura popular brasileira. O arrastão inunda de cores, sons e alegria as ruas de Belém, com música e dança aliando aspectos da quadra junina, idealizada para manter viva a memória e a oralidade da cultura tradicional da região, ao mesmo tempo, utiliza as linguagens, os ritmos, elementos simbólicos da religiosidade popular como base de referência para a difusão das tradições culturais, com o objetivo de fortalecer a identidade cultural paraense.

Após a romaria dos motociclistas, o cortejo que se aproxima é o Arraial do Círio ou Arrastão da Pavulagem. Lopes (2011, p. 159):

*O Arraial tem características de bloco carnavalesco, sintetizando gêneros como Roda de Boi, arraial junino, Peixe-Boi e circo e arrasta outros milhares de pessoas. Seu cortejo é movido por um grupo de artistas locais, vestidos como romeiros tradicionais, alguns usando perna-de-pau, outros vestidos como Pierrots com o rosto pintado de branco e ainda uma banda animada, tocando músicas e embalando cantorias de exaltação à festa, à Santa e à Cultura local.*

O cortejo segue fazendo sua homenagem a Virgem, arrastando foliões que a seu modo através da cultura popular expressam exaltações a Santa. No cortejo há a mistura do boi bumbá com outros personagens carnavalescos que desfilam do Largo do Carmo até a Igreja da Sé na Cidade Velha. O Arraial da Pavulagem dedica-se a pesquisar e a valorizar a cultura amazônica, onde explora os ritmos, danças e a religiosidade popular, tem como objetivo difundir a cultura popular fortalecendo a identidade cultural do Pará.

O Arraial da Pavulagem de acordo com Lopes, complementa e demarca os limites da territorialidade da festa. O arrastão boi da Pavulagem é composta por pessoas de todas as faixas etárias. O cortejo foi criado em 1999. De acordo com O IPHAN (2006, p. 57) o arrastão boi da Pavulagem “*marca um dos aspectos do lado profano da Festa de Nazaré*”.

O arrastão da Pavulagem agrega símbolos das festividades juninas, como representantes da cultura popular regional como a figura do cobra-grande, dos cavalinhos e do boi-bumbá.



**Figura 22:** Arraial da Pavulagem. 2012. Foto: Alexandre Moares 2017.

O Pavulagem faz da rua seu terreiro, seu arraial, modo usado para compartilhar, transmitir e fortalecer com o povo o saber oral tradicional da Amazônia através de diversas linguagens como a dança, a música, a arte cênica, ela percorre o mesmo percurso do Círio.

A Festa da Chiquita é organizada pela sociedade civil, não recebe apoio da diretoria da festa e nem das autoridades que compõe o meio eclesiástico. Ocorre logo após a transladação, é uma manifestação cultural que traz elementos da cultura e comunidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Simpatizantes (LGBTTs), é considerado o lado profano dessa manifestação da fé católica. De acordo com Elíade (1992, p. 18), “*o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso*”. É correto afirmar então, que as festas religiosas, sempre conviverão com elementos laicos e pagãos pois ocorrerá uma dualidade entre sagrado e profano em qualquer momento da festa.

A festa teve início na década de 70, enfrenta dificuldade por ser um evento polêmico, por ter um público, majoritariamente, formado por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

O dossiê elaborado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN (2006) “detalha a origem da festa como um bloco carnavalesco organizado por grupos de homossexuais e simpatizantes”. As referências ao Círio e a Nossa Senhora de Nazaré, de acordo com o dossiê, tem caráter de resistência, e busca de espaço de reconhecimento social dos homossexuais.

Segundo o IPAHN (2006), em 1977 ocorreu pela primeira vez a entrega dos prêmios “Veado de Ouro” e “Rainha do Círio”. No mesmo ano foi realizada a “transveadação”<sup>20</sup> referência a transladação.

---

<sup>20</sup>Transveadação. Referência a transladação que ocorre antes da procissão do Círio de Nazaré. IPHAN (2006, p. 59).



**Figura 23:** Figurino drag queen da Virgem de Nazaré na Festa da Chiquita, 2013.  
**Foto:** Mácio Ferreira

O prêmio Veado de Ouro é entregue para a personalidade brasileira que se destaca em lutar contra o preconceito e pelo direito a diferença junto aos LGBT's.

O arraial que de acordo com Alves (1980), é o local onde ocorre todo tipo de comércio e ao mesmo tempo é o espaço onde se desenrola a festa, é o ponto de encontro. É para o Largo de Nazaré que as pessoas vão se divertir durante a quinzena nazarena.

É no arraial que estão os brinquedos com um grande parque de diversão, com barracas que vendem comidas regionais como tacacá, maniçoba, vatapá, pato no tucupi e bebidas.

No arraial também desfilam pessoas das diversas camadas sociais, com o objetivo de passear, namorar, brincar nos brinquedos do parque e apreciar a gastronomia paraense.

*O arraial foi, durante muito tempo, armado no Largo de Nazaré, em frente à Basílica, mas hoje foi deslocado para uma área ao lado, onde foram instalados o parque de diversões e o conjunto barracas com guloseimas, bebidas e outros produtos, erguendo-se na praça, o chamado, atualmente, Complexo Arquitetônico de Nazaré (CAN) com um altar e uma concha acústica. O primeiro arraial foi uma grande feira de produtos regionais, autorizado pelo Capitão-General do Rio Negro e do Grão Para, D. Francisco de Souza Coutinho. Alves (2005, p. 324).*

Antigamente o Largo de Nazaré era palco de várias atrações, funcionavam teatros onde se apresentavam artistas vindos de várias partes do país, humoristas, cinema. Na praça havia um coreto onde se apresentavam as bandas que tocavam

músicas diversas para animarem o local. Para manter o controle da festa as autoridades religiosas comandadas pela diretoria da festa resolveram encerrar com o arraial secular e inauguraram o Centro Arquitetônico de Nazaré, ou Praça do Santuário onde atualmente durante a quinzena nazarena são apresentados eventos de cunho religioso.



**Figura 24:** Arraial de Nazaré. **Fonte:** Pesquisa de Campo, 2017

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta pesquisa, pude perceber quantas mudanças ocorreram no Círio de Nazaré, a familiaridade com a festa fez-me refletir sobre o papel da Igreja, as inovações que foram sendo inseridas no decorrer dos anos, a luta do povo paraense para preservar sua identidade, os eventos significativos, as práticas rituais, os símbolos, as procissões e a Festa do Círio. Foi necessário cruzar o antropológico com o histórico para compreender as funções da festa e sua complexidade.

Com o objetivo de entender como uma festa dura trezentos anos e a cada ano atrai cada vez mais fiéis, foi necessário seguir o roteiro da festa, dialogar com romeiros, turistas, com a Diretoria da Festa, com os voluntários que se colocam a disposição da diretoria como voluntários durante a quinzena nazarena, conclui que “festa de santo é um ato de fé, de sacrifício, de doação, de amor e sobretudo de agradecimento pela vida, pelo carro, pela casa, pelo filho, pelo estudo, pelo barco, e por tantas outras coisas”.

Diante das falas dos fiéis, Nossa Senhora de Nazaré é apresentada de forma carinhosa como “Naza”, “Nazinha”. As cenas apresentadas e as histórias contadas são variações sobre o mistério religioso que cerca a Santa diante de milagres realizados. Posso afirmar que este trabalho não foi uma simples descrição etnográfica.

Toda festa vem imbuída de sentimentos de comunhão, de vínculo social e de subjetividade. Na festa, a identidade é recuperada, o sentido de integração coloca fiéis, romeiros e turistas mais agregados e solidários, participantes e atuantes, em relação a tudo que envolve a Santa. Para Mircea Eliade (1992) a sociedade no momento da festa quer ficar mais próximo possível do sagrado, dos objetos consagrados, e isto vem carregado de um forte significado, pois aqui se realizam a troca e a comunicação, que são fatores essenciais para maior ligação com o sagrado, com o pagamento das promessas e com a própria Santa.

As festas laicas ou religiosas retratam o modo de viver de uma determinada sociedade, elas são um espaço privilegiado para se conhecer a cultura, os aspectos sociais, econômicos e político através de manifestações realizadas na cidade, na igreja, na praça e em outros locais onde a festa acontece.

Com esta pesquisa, pude fazer uma releitura do Círio de Nazaré sob uma nova ótica, ultrapassando a abordagem nostálgica e passando a realizar um exercício de reflexão sobre as narrativas do achado da Santa, os rituais e seu caráter comunicativo, os

símbolos da festa, o papel da igreja, a relação entre as manifestações sagradas e profanas, os conflitos existentes e, sobretudo, como as festas são fundamentais na estruturação de nossa sociedade, dos nossos relacionamentos, de nosso estilo de vida e de nossa sensibilidade.

Mediante o que foi exposto acima, começo por falar sobre o achado da Santa, que, a meu ver, representa a garantia do sucesso da colonização portuguesa, pois, através das tradições religiosas que trouxeram para o Brasil, estruturaram e solidificaram regras de organização da vida coletiva utilizadas em Portugal. Dessa forma, colonizador passa, com suas ideias religiosas, a ter um lugar privilegiado na edificação e estruturação de poder e de mando, não só no Pará, como em outras localidades brasileiras.

No Pará, o achado da Santa foi o evento que marcou a religiosidade e a presença da Igreja Católica, por intermédio da figura de Plácido e do achado da Santa que salvou a vida de Dom Fuas Roupinho.

Os rituais realizados e seu caráter comunicativo consistem em manter ou destruir o equilíbrio entre as pessoas envolvidas numa interação. Os rituais funcionam para estruturar a realidade social e ajustar os indivíduos a uma determinada realidade. Como exemplo, podemos citar o ritual da corda. Dentro da corda, seguem as autoridades, políticos, artistas e pessoas influentes da sociedade, que têm o privilégio de ficar próximas da Santa; o povo vai do lado de fora, descalço, sofrendo com empurrões, com o calor. Essa ação é recebida como sacrifício, pagamento de promessa. Embora nesse ritual tenha a solidariedade e gestos de fraternidades, há um grupo seletivo que fica em posição de destaque em relação à Santa. Para Alves (1980), a corda separa o segmento estruturado do resto da procissão e isto provoca um grande esforço por parte dos devotos que ficam do lado de fora.

O papel da Igreja é o de perpetuar a tradição religiosa e manter o controle da manifestação coletiva. Em relação ao profano e o sagrado, é necessário que a igreja entenda que, em um espaço “dito profano”, há valores de experiências religiosas que necessitam ser respeitados, pois a existência profana jamais será encontrada em seu estado puro. É necessário e fundamental que a igreja procure pensar na festa em termos de efeitos positivos e negativos, pois a verdadeira festa continua viva e autêntica. Por isso como diz Da Matta, somos o país do carnaval.



## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Isidoro Maria da Silva. *O Carnaval devoto: Um estudo sobre a Festa de Nazaré*, em Belém. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 120 p. 1980.
- ALVES, Isidoro Maria da Silva. *A festiva devoção do Círio de Nossa Senhora de Nazaré*. Estudos avançados. Vol. 19. número 54. São Paulo May/Aug.2005.
- AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira : significado do festejar, no país que “não é sério”*. São Paulo : Tese de Doutorado em Antropologia Social, USP. 1998.
- BONNA, Mízar Klautau. *Corda do Círio, marca de fé: Vamos pensar juntos?* Belém: Editora Labor Editorial, 87 p. 2001.
- BONNA, Mízar Klautau. *Dois séculos de fé*. Belém: Editora CEJUP, 119 p., 1993.
- BRIGIDA, Miguel Santa. *O auto do Círio: festa, fé e especularidade*. Rio de Janeiro: Revista cultura e arte populares, vol.5: p.35-48, 2008.  
Disponível em  
<[http://portal.ipha.gov.br/uploads/publicacao/PatimDos\\_Cirio\\_m.pdf](http://portal.ipha.gov.br/uploads/publicacao/PatimDos_Cirio_m.pdf)> Acesso:10 de janeiro de 2019.
- CASTRO, Celso. *Textos básicos de Antropologia: cem anos de tradições – Boas, Malinowski, Lévi-strauss e outros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- DUBOIS, Florencio. *Nossa Senhora de Nazaré: sua devoção em Portugal e no Pará – sua basílica em Belém do Pará*. São Paulo: Gráfica Siqueira, 1946. Disponível em:<<http://bibliotecariodocirio.org/>> Acesso em: 17 de janeiro de 2019.
- ELLER, Jack David. *Introdução à antropologia da religião*. Petrópolis: editora Vozes Ltda, p. 96 - 134, 2018.
- ELÍADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRUGOLI, Ricardo e BUENO, Marielys Siqueira. *O Círio de Nazaré (Pará – Brasil): relações entre o sagrado e o profano*. Turismo & Sociedade. Curitiba, v. 7. n. 1. Janeiro, 2014.
- GRERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.
- IDESP, Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará. *Cadeias de comercialização de produtos florestais não madeireiros na Região de Integração Tocantins, Estado do Pará: relatório técnico 2011*. Belém, 2011.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Círio de Nazaré*. Rio de Janeiro : Iphan, 2006. (Dossiê Iphan,1). Disponível em:<[http://portal.ipha.gov.br/uploads/publicacao/PatimDosCirio\\_m.pdf](http://portal.ipha.gov.br/uploads/publicacao/PatimDosCirio_m.pdf)> Acesso:14 de janeiro de 2019.

LATIF, Larissa. *A travessia de um mito amazônico: o Círio de Nazaré entre o moderno e o pós-moderno*. Novos Cadernos NAEA, v. 17 n. 2, p. 45. Dez. 2014.

LOPES, José Rogério. *Festas e religiosidade popular: estudos antropológicos sobre agenciamentos, reflexidades e fluxos identitários*. Porto Alegre: Bikula, 2014.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesial: um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: Cejup, 1995.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Almoço do Círio: um banquete sacrificial em homenagem a nossa Senhora de Nazaré*. *Revista Religião e Sociedade*, vol. 36 (2): p. 220-243, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-8572016000200220&script=sci\\_arttxt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-8572016000200220&script=sci_arttxt)> Acessado em 16 de janeiro de 2019.

MAUSS, Marcel. *A dádiva e a obrigação de retribuí-la*. *Revista sociologia e antropologia*. São Paulo: Editora Cosac Naify. p. 189-203. 2003, tradução de Paulo Neves.

MONTARROYOS, Heraldo. *Festas profanas e alegrias ruidosas. (a imprensa no Círio)*. Belém: Falangola Editora. 1993.

OLIVEIRA, Leidemar. *Símbolos do Círio representam um pouco mais de fé*. Belém: *Diário do Pará*, 2017. Disponível em: <[http://m.diarioonline.com.br/noticias/cirio/noticia\\_453](http://m.diarioonline.com.br/noticias/cirio/noticia_453)> Acesso em: 18 de janeiro de 2018.

PANTOJA, Vanda & MAUÉS, Raymundo Heraldo. *O Círio de Nazaré na Constituição e Expressão de uma Identidade Regional Amazônica*. Rio de Janeiro: Espaço e Cultura, p.57-68, 2008.

PEREIRA, Pedro. *Peregrinos. Um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*. Instituto Piaget. 2003, Lisboa.

PENTEADO, Pedro. *Peregrinos da memória o santuário de Nossa Senhora de Nazaré Lisboa*. Universidade Portuguesa, 1998.

ROCQUE, Carlos. *História do Círio e da festa de Nazaré*. Belém-Pará: Editora Mitograph, 1981.

SILVA, José Maria da. *Amazônia em contexto: uma perspectiva antropológica*. Curitiba: Editora CRV, p. 16 -64, 2016.